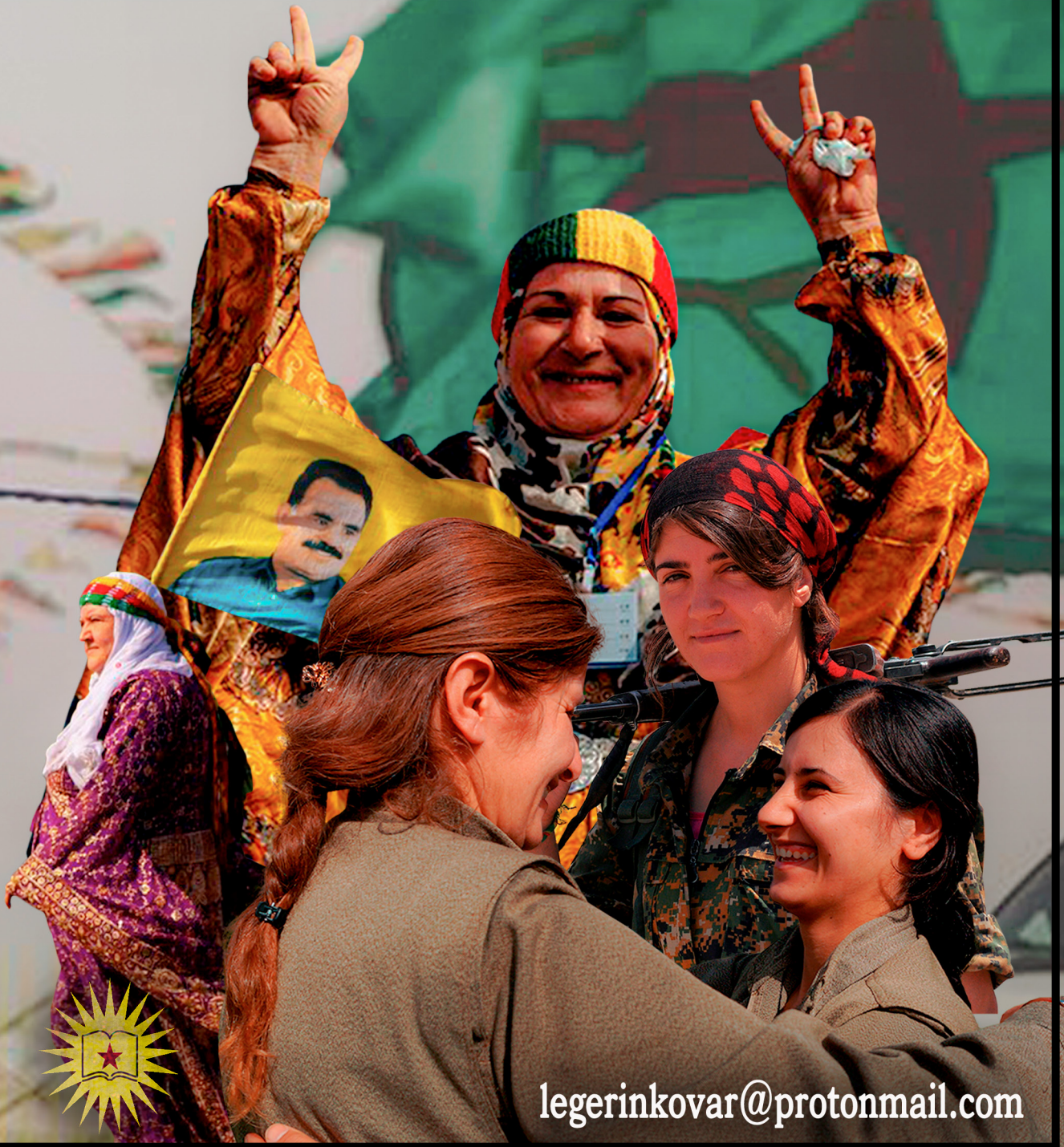


# LÉGERÍN

N. 02

“Insistir no socialismo é insistir na humanidade”



[legerinkovar@protonmail.com](mailto:legerinkovar@protonmail.com)





# LÊGERÎN

O significado de Lêgerîn em signîfica “Busca da liberdade”

*Por este motivo, adotamos este nome. Como milhões de pessoas em todo o mundo, buscamos a liberdade e lutamos por ela. Esperamos contribuir com nossos materiais, ter os mecanismos e métodos certos para sermos vitoriosos nesta luta.*

## PERSPECTIVA

- As mulheres frente ao patriarcado e ao capitalismo 01
- A luta por liberdade 04

## AVALIAÇÃO

- O que significa Hevaltî 07
- A Mujer na Mãe-Natureza 12
- Cenga Heftanin - Resistência Heróica 15
- Lutar contra o homem, matar a dominação 17
- Me chamo Bager Nûjiyan 19

## JINEOLOJÎ

- Sobre a Autodefensa 24
- Lutando por uma sociedade livre 28
- Viver a beleza de forma coletiva 31

## DÎROK

- Zilan e Sema 35
- Mulheres na Revolução: URSS 37

## POEMA

39

## LIVRO

40

# CARTA DE ALINA SANCHEZ

## SEHÎD LÊGERÎN

Alina compartilhou uma carta a companheira Vilma Almendra, dos Pueblos en Camino as siguientes palavras:

Precisamos nos organizar, Vilma! É urgente e não pode ser adiado! Caso contrário, as lutas não se acumulam, não geram um sentimento de pertença, não alargam o olhar sem perder o horizonte. Se nosso objetivo é tão claro quanto a água, as formas também devem ser claras (esta foi a resposta da Apo, num momento muito difícil para as mulheres do movimento) (...) Elas se tornaram um bloco e emergiram com solidez das organizações autônomas de mulheres. Não vejo outra forma. Pelo menos esta é uma que tem mostrado que muita luta interna é necessária, mas tece em muito tempo, como você diz. Pense nisso, se conseguirmos nos organizar como mulheres, estruturalmente organizadas, discutindo o que eu estava dizendo ao Manu, o contrato social, a estrutura, que também envolve a situação, não o exclui. Isso revitaliza a organização da sociedade em geral. É isso que queremos dizer com a libertação das mulheres para libertar a sociedade como um todo. As mulheres, com tudo o que cada uma delas reflete e representa, e as mulheres, com tudo o que para a sociedade energiza e regenera. Podemos visar o quadro mais amplo e nos organizarmos como mulheres lá, ou podemos nos organizar como mulheres para organizar o povo. Com nossas opiniões, amplas, mais quânticas, inclusivas. Sem cair no fato de que se trata de uma questão de mulheres. Eu quero acreditar que podemos. Mas temos que mostrar esta veia de emancipação. Nossa luta já é um exemplo.





## As mulheres frente ao patriarcado e ao capitalismo

O movimento curdo entende que para que qualquer revolução tenha sucesso, um espírito revolucionário deve ter uma compreensão abrangente da libertação da mulher. As mulheres, por sua vez, não podem ser libertadas a menos que estejam livres dos sistemas capitalistas mundiais. Se as mulheres devem ser livres, isto só pode ser feito através da existência de uma democracia sem Estado, já que é o Estado que defende a opressão de classe e o patriarcado.

Na luta de libertação curda, liderada por Abdullah Öcalan, as mulheres desenvolveram seu próprio sistema e mecanismos de tomada de decisão dentro da guerrilha. Portanto, eles trabalharam em um papel estratégico na defesa da mulher e da sua nação. O surgimento de uma luta radical pela libertação da mulher tem sua origem aqui. As mulheres nos exércitos dos estados-nação se tornam uma cópia dos homens e às vezes estão em perigo. É quase impossível para uma mulher de um exército masculino preservar sua personalidade e sua

feminilidade, e sair ilesa dela. Os exércitos nacionais são nacionalistas, racistas e sexistas. Eles são moldados por uma cultura de violência. Portanto, a presença estratégica e o papel de liderança das mulheres curdas em um exército de guerrilha é de importância histórica. É o desafio contra o sistema de governo masculino de 5.000 anos de idade. Com a participação das mulheres no exército guerrilheiro do Curdistão, a falsidade do patriarcado foi exposta.

As mulheres na força guerrilheira são uma fonte incrível de liberdade e igualdade. Elas desempenham um papel extraordinário para tornar visível a realidade histórica da mulher. A guerrilha feminina varreu todas as representações mitológicas, filosóficas, religiosas e científicas das mulheres como escravas e como um "sexo de segunda classe". As mulheres estão presentes na guerrilha com sua própria identidade e suas próprias estruturas de decisão. Sua forma democrática e liberal afeta toda a guerrilha. Em nossas fileiras estão as melhores

comandantes femininas de guerrilha da história. Foi criado um nível de comandantes mulheres que possuem grande experiência e características de liderança, e que podem implementar táticas de combate de alto nível. As mulheres lideram a guerrilha tanto na ação como na vida.

### A experiência em Rojava

O sistema de Rojava é hoje um exemplo vivo da tentativa de superar o patriarcado, o capitalismo e o Estado. O capitalismo é o opressor chave de todos; a libertação das mulheres da opressão de classe é a chave para uma sociedade livre. A classe capitalista sempre utilizou uma política de “dividir para reinar”, particularmente com base no gênero. O capitalismo invade todos os aspectos de nossas vidas, nossas condições sociais, instala uma hierarquia e mantém a hegemonia da classe dominante sobre a sociedade humana. Em última análise, o capitalismo muitas vezes deixa às mulheres a opção de simplesmente aceitar o sistema sexista e patriarcal que as confronta.

A existência do patriarcado precedeu a do capitalismo. Mas o patriarcado foi qualitativamente transformado pela acumulação de capital em todo o mundo. A fim de prevalecer, o capitalismo teve que recorrer à opressão patriarcal para garantir que os homens muitas vezes vão trabalhar enquanto as mulheres o fazem em casa. Ele também invadiu a esfera cultural, transformando os corpos das mulheres em mercadorias a serem compradas e vendidas. É importante, portanto, entender que a opressão da mulher sob o capitalismo não é apenas uma forma de opressão de classe, mas uma das mais brutais. Depois há a opressão cultural da mulher no clima atual do capitalismo, que se expressa de muitas maneiras, através do uso da linguagem, estereótipos, religião e cultura global. Por exemplo, o uso de palavras como “Vadia”, “Putá” são todas as formas de opressão verbal. Os estereótipos seguem exemplos de como se parece uma “feminista”, ou como se parece uma “lésbica”, ou como deve ser importante uma mãe ideal, etc. A religião é também outro fator chave na

opressão da mulher: historicamente, a interpretação das religiões levou à opressão sistemática da mulher, começando com o fato de que a costela de Adão foi, para a religião cristã, onde Eva nasceu. Com o capitalismo, o poder das religiões (não apenas) abraâmicas organizadas por estados e instituições religiosas que se espalham pelo mundo, demonstra uma síntese do capitalismo com a religião para elevar as interpretações mais opressivas em oposição às visões mais libertadoras da comunhão religiosa, que mantêm premissas de igualdade de gênero.

O sistema capitalista de hoje tenta dar às mulheres a falsa impressão de igualdade de gênero. Ele tenta convencer as mulheres de que elas devem quebrar o “teto de vidro” e não abolir o sistema em si. Na medida em que uma minoria de mulheres ocupa altos cargos em corporações, é decentemente paga, é política e governa as finanças do Estado, nos dizem que o capitalismo é indiferente ou desafia o sofrimento das mulheres. Mas o capitalismo só permite que uma minoria de mulheres compartilhe seus despojos. Por que, no nível global da Fortune 500, apenas 4,3% das mulheres ocupam cargos de CEO? Em média, as mulheres recebem 2,8% menos do que seus colegas homens em todos os aspectos da vida profissional. Além disso, apenas 23% dos políticos do mundo são mulheres, e no Reino Unido, dos 650 prefeitos, apenas 208 são mulheres, ou 32% após as eleições gerais de 2017 no Reino Unido. Ser feminista, portanto, é tomar consciência deste tipo de opressão subjacente que não é explícita, perceber a falsa esperança e senso de igualdade de gênero que o capitalismo representa para o mundo, e trabalhar ativamente para quebrar as barreiras que ele



representa para as mulheres em todo o mundo.

Idealmente, desde meados dos anos 90, a única resposta ao “O que é um Curdistão livre” tem sido: um Curdistão livre onde as mulheres são libertadas. Esta abordagem tem sido o impulso fundamental por trás do movimento curdo. Ao realizar o discurso do capitalismo, a opressão sistemática da mulher através da divisão de classes, o movimento curdo alimentou o desejo de se unir com base na igualdade de gênero e em direção a uma democracia sem Estado no Mar Vermelho. Ao contrário da opressão que as mulheres vêem sob o domínio do capitalismo no Ocidente, na Europa e no Oriente Médio, na Rojava as mulheres, tanto internacionais como curdas, estão no centro da luta contra o ISIS e seus aliados (como o Estado turco).

### A verdadeira liberdade

A razão do aumento do femicídio no Oriente Médio e em todo o mundo deve-se à crescente luta pela libertação da mulher. Os homens hegemônicos, o sistema masculino dominante, querem quebrar a resistência das mulheres. As alianças nas quais as mulheres em Istambul uniram forças contra a violência são um grande exemplo. As mulheres se defendem umas às outras e não deixam nenhuma mulher sozinha. Eles caçam os assassinos e lutam contra os autores dos crimes para que recebam o castigo que merecem.

A violência masculina e estatal contra as mulheres vem da mesma fonte. É bem conhecido que a opressão da mulher, sua restrição ao ambiente doméstico e a escravidão a serviço dos homens é um dos métodos mais importantes para isso. As mulheres devem ser mantidas em seu lugar de escravidão através da violência.

Como a resistência das mulheres está crescendo, porque as mulheres se defendem e têm o assunto constantemente na agenda, é cada vez mais difícil para o Estado e para a masculinidade dominante vencer. Acreditamos que nossa luta se tornará cada vez mais pró-ativa e autoconfiante. E sabemos que a liberdade começa na mente.

A democracia sem o Estado oferece às mulheres uma posição em todos os aspectos da vida, dando-lhes a verdadeira definição de igualdade de gênero. As academias femininas, as unidades de defesa e polícia, assim como o poder de veto em qualquer decisão política ou não política que as afete, permite que as mulheres tenham uma palavra a dizer em tudo.

Como mulheres curdas, argumentamos em um apelo lançado em 8 de março, em um momento de um “processo histórico”. No final deste processo, veremos o sistema patriarcal e capitalista sucumbir à sua “profunda crise estrutural”. Esta crise nos oferecerá principalmente grandes oportunidades para garantir a liberdade das mulheres e não o tipo de liberdade que o capitalismo apenas nos vendeu como um sonho. Os pilares ocultos do capitalismo e da democracia liberal, a falsa liberdade, estão lentamente chegando ao fim. Sim, é gradual e levou séculos para que as mulheres do mundo inteiro se levantassem contra ela, mas o caminho será pavimentado para uma mulher livre e uma vida livre.

A partir disto, penso que é importante para nós concluir que não importa o sentimento de libertação que possamos sentir vivendo no Ocidente ou na Europa, ou em qualquer lugar do mundo; somos muito oprimidas como mulheres. As mulheres jovens são sexualmente objetivadas em todos os lugares, o sexismo ocorre em todos os aspectos das estruturas capitalistas. A libertação da sociedade só pode ocorrer quando as mulheres são livres. Livres dos estereótipos, da linguagem sexista, da opressão cultural e religiosa - isso é o que enfrentamos todos os dias.





# *A luta por liberdade*

Por Abullah Ocalan

**N**a realidade de nosso partido, que nível é realmente aplicado no desenvolvimento da participação das mulheres, na luta pela liberdade e na autodeterminação da identidade? A que pode levar e, mais importante, o que significa inovação? Desenvolver discussões em torno destas questões pode muitas vezes levar a resultados mais significativos. A participação das mulheres e a luta pela liberdade devem ser liberadas das tradições, das relações masculinas e familiares. A questão da liberdade das pessoas, bem como os problemas de libertação de classe, que talvez sejam ainda mais difíceis, merece ser voltada para a questão feminina e, portanto, da libertação da mulher. Da mesma forma, a ruptura com abordagens e estilos de vida tradicionais e a busca da verdade poderiam criar um ser humano livre. Ninguém deve esperar uma prescrição direta para a questão da liberdade. O máximo que podemos lhes dar é uma abordagem tradicional sem valor. É possível fazer uma tentativa de reforma? Não. Não vamos fazer isso. O que é o radicalismo na questão da mulher? Como é amplamente abordado, é mais do que uma questão de sensualidade, sexualidade e mesmo além de dizer que “se trata de política, (então) as mulheres têm que participar igualmente em todas as instituições e organizações”. Uma abordagem ra-

dical deve ser alcançada como entendimento.

## **O que significa “mulher” em qualquer tipo de formação social?**

Em termos de algumas características da “raça natural”, a participação das mulheres na sociedade pode ter levado a situações em que elas viveram o processo social. Portanto, se olharmos para suas características naturais, as mulheres talvez sejam facilmente pressionadas. Assim, na verdade, a mulher poderia ser mais vulnerável à exploração. Mesmo as pessoas pobres podem ser mais facilmente oprimidas e exploradas por causa de suas circunstâncias. Isto não tem nada a ver com uma lei natural ou com o mandamento de Deus, como dizem os governantes. Estas são situações desenvolvidas por mandato humano. Portanto, quando se trata de revisão, torna-se compreensível mostrar o poder de rejeitá-la. Entretanto, isso não deve significar que o radicalismo seja a rejeição das espécies masculinas.

Esta é a abordagem de alguns grupos feministas - e idealmente isto não deve ser discutido. Não deve significar um movimento anti-masculino, ou um movimento que só se liberta da opressão e exploração do patriarcado. O radicalismo do movimento às vezes será anti-masculino, e dedicado a seu desejo de liberdade, mas ele

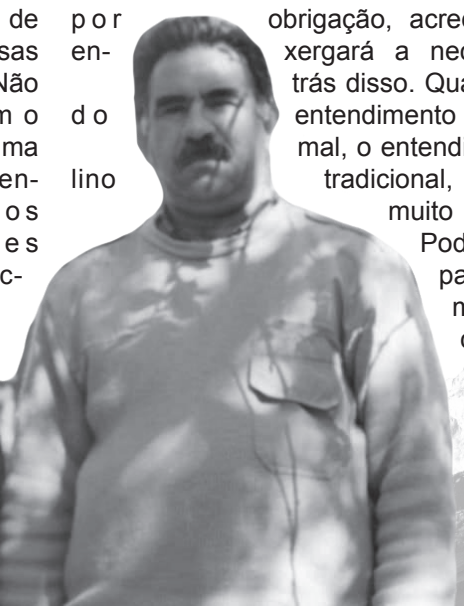
tem que fazer mais para alcançar mais coisas.

### A perda de identidade

Há uma verdadeira perda de identidade, a ponto em que ninguém possa falar sobre. Não há realmente pessoas de uma determinada nação, classe ou mesmo cultura? Então qual é a classe dessas mulheres, qual é a sua cultura, qual é a sua nação?

Certamente, toda mulher é de uma determinada cultura, nação ou classe. Mas o que é ela enquanto mulher? No entanto, uma vez que nos livramos de todos os traços nacionais, de classe e culturais, sobra alguma coisa de identidade feminina? Podemos fazer tal pergunta? Em nossa opinião, sim, tal pergunta pode ser feita. Neste sentido, sem a libertação da mulher, a libertação social é impossível. Sem a realização da verdadeira identidade da mulher, não poderemos alcançar a verdadeira identidade humana saudável, nem chegar às verdadeiras identidades de uma sociedade e de uma nação, tendo em vista que estas estarão incompletas. Isto é evidente, por exemplo, quando olhamos para realidade de nossa própria sociedade, em que há uma grande desvalorização da realidade das mulheres curdas em nossa comunidade. É verdade que isto afeta muito claramente o nível nacional, e expressa que o nível social é muito retrógrado.

Quanto mais ela se desenvolver corretamente, mais glorificará a sociedade. Existem tabus em torno da questão da libertação da mulher e estamos constantemente discutindo-os. Primeiro de tudo, o julgamento de que "toda mulher pertence a alguém", ou a ideia de que várias mulheres podem pertencer a uma pessoa, desenvolveu-se ao longo da história. Chamamos isto de "apropriação" das mulheres. As mesmas coisas nunca são ditas para um homem. Não vemos muita avaliação com o um homem pertencente a uma mulher, ou muitos homens pertencentes a uma mulher. Deconhecer e aprender as razões para isto em todos os aspectos. Quando prestamos atenção em nossas condições sociais e históricas atrasadas nos damos conta



de que nossas relações do presente são muito pobres: falta essência, coragem. Há também uma grave falta de conteúdo. Temos algo sério a dizer: não importa o quanto a burguesia diga que este é um "mundo de mulheres" ou quanto o feudalismo diga que "é assim que o mundo de mulheres se estabelece". Temos o problema a respeito de que "mundo de mulheres" eles se referem. Muito provavelmente futuras revoluções dependerão que todos os aspectos desta questão sejam levantados. O desenvolvimento do homem livre na sociedade também depende disso. Às vezes eu mesmo revi meu posicionamento sobre as mulheres. Adquiri algumas características fortes do homem livre. Mas isso também está ligado à revelação do poder das mulheres. Para mim, é concreto que a força do homem se torna mais potente à medida que o poder da mulher emerge. Este não é um poder fornecido pela autoridade política ou pelo dinheiro. É muito bem compreendido que vem do poder de sair para uma identidade livre. É, em última instância, resultado direto da participação na libertação das mulheres, e isso leva ao poder. Por si só, ele se eleva à força de um exército.

É importante observar que, prestando atenção, você perceberá que em nossa festa nunca usamos as palavras "Sou o parceiro de alguém". Você não precisa se apresentar com estas palavras. Você tenta se definir como uma força, como uma entidade política, como uma entidade social que lhe interessa. Isto é muito importante. Nenhuma abordagem dominada por homens achará fácil fazer isso. Ninguém dá, a este nível, um passo fácil no trabalho das mulheres. É uma abordagem muito difícil, mas estou trabalhando nisso. Ao eliminar essas ideias, e pode até ser por obrigação, acredito que você enxergará a necessidade por trás disso. Quando se afasta do entendimento masculino formal, o entendimento masculino tradicional, você não fica muito chateado. Pode ser difícil para os homens, mas não é difícil para você procurar compreensão e tentar se encontrar. No fundo,



you feel the need to look more broadly at the question of society and the social problems we face today. You start to ask yourself: what should be our approach to society? What should be our approach to men in society? On this basis, it can be very necessary that we develop through research and search for a comprehension of our current situation.

### **Desenvolva seus próprios princípios!**

We are always in search of answers. Since we were expelled from society, from politics, from the army, and we were reduced and limited in all activities, we asked ourselves: how should we return? We can answer. I believe we did the most appropriate. It is not possible for you to enter in a just, free, equal and powerful way in your society at least that you are completely free from the formal masculine approach or the social approaches dominated by men that left their mark on all levels. Thus, you can really improve your situation, reforming it a little. But this is not really radicalism, and there is no solution that is truly fundamental. As in any event or social problem, you will be asked to defend your own freedom with some passion, sincerity and, most importantly, faith. You must believe in it first. I do not want to be like the feminists, but they have aspects and approaches that are respectable. First, you will respect. You must develop your own principles, the principles of the free woman. Men have masculine principles. As you know, when men talk about feminine principles, they think immediately in visible principles. But women must develop opposite principles. What are they? What is the principle of a free woman? All should see and understand it.

As measures are created and concretized, the first signal of freedom is given. But, in my opinion, they do not become concrete, they do not differ. You are confused. No one who looks at you will think: "a woman in front of me has her own principles" and, therefore, will act in accordance with the patriarchate. In reality, you are not acting in accordance with the principles of the free woman, but in accordance with the precepts that the State considers dignified. I am in a war against these things

principles. Unfortunately, all of you are either approaching or pushing me with a feminine principle. However, you must have the principles of the free woman. The truth is a dominant principle in society that is imposed on you and impels every movement and action. It is a destiny of centuries, but the research shows that it is a human order: it is not a destiny, a command from God, nor is it the result of a natural characteristic. You have reached this position as a result of human action.

The liberation of the female sex is, naturally, necessary. In the evaluation of everything, even in the ranks of our Party, I did not see or hear a man say "I found the principles, the greatness, the camaraderie, the power of this comrade woman". Not a word of your species! Men can say that they are very loving.

When it comes to filling your heart with false words, there is nothing superior to them. But what I am talking about is a serious value that is given with practice, the defense of the land and respect. However, as soon as women had certain approximations, the primitive relationships were realized, they fled from the party, prejudiced the army and became an obstacle for the revolutionary movement. Will this be a destiny? Everything I can do for you is to free you from some ties and avoid that you get into problems. My comprehension of freedom makes this action necessary and makes me behave in this way. In the place of these women, they will become slaves of anyone, we must create an area where they can meet. My sense of justice leads me to this. It would not occur to men to do this. In my opinion, we must develop a search, we must create the path of innovations.



# *O que significa Hevaltî*



Gostaria de começar com algumas palavras a título pessoal e dar um exemplo a nível pessoal sobre algumas questões. Talvez também se possa aplicar a outros companheiros homens.

**S**omos um gênero cujas características livres são muito débeis. Devemos ser honestos sobre isso. Nos ensinaram a liberdade, mas é difícil reconhecê-la em nossas próprias personalidades. Como homem não consegui, da mesma forma que a liderança, desenvolver uma personalidade livre de uma maneira muito específica. Isso nem sequer foi meu objetivo. Digo com toda sinceridade. Realmente anseio a liberdade. Mas ela não se converteu em uma característica do meu caráter. Parece que mais ou menos temos empreendido este caminho à força.

O tratamos como um dever: trabalhar um pouco para o povo curdo, viver um pouco bem. Nos limitamos muito. Quanto interesse posso ter na Jineolojî se não sou capaz de viver a liberdade de uma maneira específica como homem, se não a interiorizei nem a adotei como meu objetivo? Frequentemente me pergunto onde estão os erros em nossa forma de nos fazermos perguntas. Em primeiro lugar, muito fundamentalmente, quais são as qualidades que compõem o caráter de um homem? A diferença básica entre nós e o líder está radicada precisamente neste ponto.

Precisamente por esta razão, não nos esforçamos decididamente pela liberdade. É mais provável que sejamos arrastados pelo caminho da liberdade. Se nós, como homens, questionamos sobre nossa situação um pouco mais a fundo, nos damos conta de que nos parecemos com um escravo da liberdade. Tratamos a busca pela liberdade como uma obrigação ou um dever. Sempre fazemos autocríticas porque nem sequer conseguimos libertar a nós mesmos ou às mulheres.

Então, como vamos libertar às pessoas? Por suposto que não é o suficiente. Rapidamente se evidencia. Tem sido parte desta luta durante 30 ou 40 anos e, portanto, as pessoas te vêem como uma referência. Mas por que não toca às mulheres? Por que não desenvolve uma atitude livre? O mesmo ocorre com as famílias que visitamos. Frequentemente me pergunto por que não conseguimos influenciar suas vidas para uma certa direção. Está empreendendo uma batalha, faz parte da guerrilha, te respeitam por isto. Mas as coisas que percebem sobre nós são muito gerais e superficiais. As pessoas nos vêem como algo assim: "São desinteressados. Nas montanhas, morrem por nós. E, enquanto morrem ali, também são celibatos sexualmente". Ficam com uma percepção muito bruta. Dizem: "Ao contrário de nós, renunciam a todos os prazeres deste mundo". Pode ser que o povo curdo me veja desta maneira? A aproximação da

mulher vai um pouco mais além e alcança outro nível. Quando questiono tudo isto, chego à seguinte conclusão: Por que não vêm em nós a mesma liberdade que vêm no líder? Por que não podem deduzir um alto nível de moralidade e política de nossos comportamentos de gênero?



Şehîd Atakan Mahîr

### Por que?

Porque seguimos sendo superficiais. Porque não temos claro o motivo de nos somarmos a este caminho até a liberdade e o tratamos como um dever. Como uma peça de vestir que colocamos. Seguimos sendo superficiais. Posso perceber tudo isso em mim mesmo.

Sendo assim, podemos chegar à seguinte conclusão: como a necessidade de liberdade do homem não é realmente concreta e tangível o homem sempre recai na hegemonia de seu próprio sexo. Sempre verá de forma favorável as condições existentes. Questionar essas condições sempre será uma espécie de dever, como uma compulsão. Eu, por exemplo, sou alguém que realmente tem um pouco de interesse neste tema e o tenho investigado. Mas não consigo ir além de considerar os diversos aspectos isoladamente e apenas de acordo com minhas necessidades. Além disso, o faço apenas quando me encontro com dificuldades. Só o que diz respeito ao meu

interesse pelo âmbito das mulheres autônomas.

Não sigo uma linha constante. Já mencionei a razão disso: a necessidade concreta de liberdade é muito débil. Por isso me passa o seguinte: tomo por isoladas as diferentes áreas como a ideologia, a liberdade da mulher, o conceito de liberdade. Também as ponho em práticas distanciadas umas das outras. Sempre cada área por sua conta. Sempre limitadas a um tempo determinado, apenas quando surge um problema. Por que esse interesse não adquire uma forma permanente? Por que o processo de aprendizagem não é levado a cabo de forma contínua? Por que ele não se expressa permanentemente na implementação prática e no comportamento? Quando me faço todas essas perguntas, emerge uma imagem clara do estado das coisas.

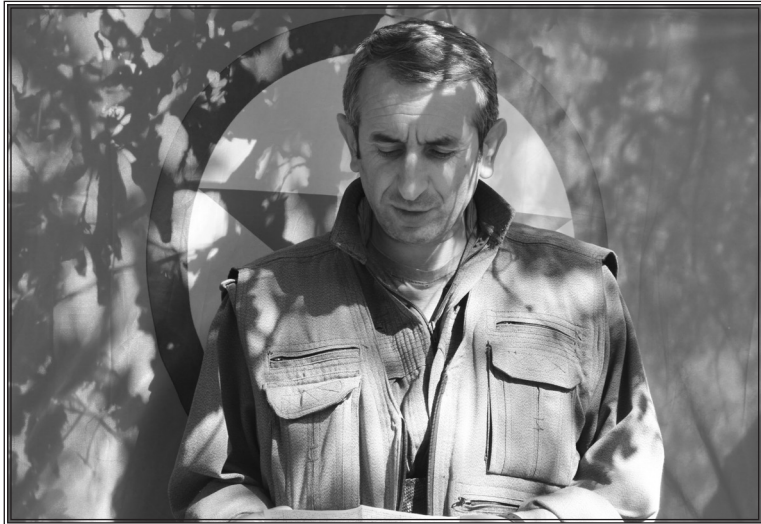
Há uma ou duas coisas que gostaria de mencionar e que corrijamos e questionemos um pouco. Por exemplo, sempre me perguntei por que nos criaram desta maneira. Também poderia dizer algo sobre o enfoque das mulheres, mas pode ser que não haja tempo suficiente para isso. Este é um tema para um contexto diferente. Por isso não vou entrar nele neste momento. Sobre essa questão, minha observação mais básica é a seguinte: em primeiro lugar, uma falsa compreensão da liberdade conduz, em última instância, à escravidão, uma falta de direção que nos faz entender tudo como um dever, não para que estes traços formem parte de nossa própria personalidade, como na do líder. Em segundo lugar, definir ao homem distinguindo-o da mulher, como algo que não é mulher. Isso predomina muito aqui. Quando pergunta a um homem sobre sua definição de homem ele não vai mais além deste tipo de definição. Apenas acontece o contrário em pouquíssimos casos. Tratamos de fazê-lo até certo ponto sobre a base do conhecimento que nos transmite o PKK (Partido dos Trabalhadores do Curdistão). Então, quanto te perguntam o que é o homem, pode enumerar tudo o que a mulher não é. De todo modo, o primeiro com o que começamos é a natureza do corpo. Mas esse enfoque leva ao fato de que o homem não se conhece ou não pode se reconhecer.

**“Que é o homem?” É o que a mulher não é. Bem, mas então, o que é o homem? Não sei”**

Neste ponto se detém, porque te ensinaram deste modo a definição de homem. Há um se-

gundo aspecto relacionado que é ainda mais perigoso: o líder sempre analisou os assassinatos de mulheres. Isso me levou a fazer certas perguntas. Eu, por exemplo, sou um homem que está envolvido na luta do PKK. Suavizei ou corriji algumas características de mim mesmo. Mas me perguntava se seria capaz de matar a uma mulher. A resposta é sim, seria capaz de fazê-lo. Isso não é completamente inofensivo porque significa que a segunda parte da definição de homem, quer dizer, “o que não é uma mulher”, vem a dizer: “Todo homem deve matar a uma mulher. Todo homem deve oprimir a uma mulher. Todo homem deve governar a uma mulher”. Esta definição conduz exatamente a isso. Se todo homem é “o que uma mulher não é”, necessariamente deve definir seu lado não feminino. Esse estado é muito perigoso. Neste sentido conduz à internalização de uma hostilidade para com a mulher. O efeito mais evidente desta hostilidade é menosprezar a mulher desde acima; no sentido de “a mulher não pode pensar tão longe. Ela não pode fazê-lo tão bem como eu”. Por um lado, as companheiras podem começar a lutar desde o princípio e também intervir nesta luta junto a nós. Portanto, podemos mudar rapidamente essa atitude concreta. Mas, por outro lado, está muito mais internalizado. Quer dizer, todo homem leva em seu interior uma hostilidade muito enraizada para com as mulheres. Se um homem ainda não matou a uma mulher é pura coincidência. Às vezes pode ser o resultado de ser precavido. A consequente reação a isso seria incorreta: “O homem também é um humano depois de tudo”. Mas se casa com um homem e depois de alguns dias poderá ver como golpeia sua esposa. Em pouco tempo faz outras coisas. No coração, todo homem leva o desejo de golpear a uma mulher.

Em palavras extremas: todo homem anseia matar a uma mulher como a máxima afirmação de sua própria identidade. Este é o resultado de meu próprio processo de reflexão. Como ser humano, realmente treme diante desta verdade. Por que a identidade de um homem está constituída assim? Porque não preenche sua outra metade. Quanto mais desenvolve uma alternativa ao conceito de homem que ‘não é como a mulher’ menos dano poderá fazer à mulher. Quer dizer, quanto mais pode provocar mudanças em sua própria identidade como homem.



### Entender o amor

Outro ponto: existe amor imaterial. O vivemos nós mesmos uma ou outra vez. Pensa na mulher que ama. Com respeito a meus próprios sentimentos, frequentemente me pergunto neste contexto: como homem, sou realmente capaz de amar a uma mulher? Com uma identidade masculina tão exagerada posso realmente amar a uma mulher? Minha primeira intuição a essa pergunta é a seguinte: em primeiro lugar, no amor por uma mulher todo homem ama a si mesmo. Quando tenta amar pela primeira vez, nem sequer é consciente disso, mas deve superá-lo. A mulher pensa que a ama, mas esse não é o caso em absoluto. É algo como isso: “Olha, posso amar. Eu sou um homem. Tenho que demonstrar uma e outra vez que eu sou um homem. E nem sequer te dá conta disso”. A masculinidade é um mecanismo que se confirma a cada dia. Mas a mulher acredita que o homem a ama. Mas esse não é o caso em absoluto. O digo com sinceridade: um homem que seja realmente capaz de amar a uma mulher é algo realmente difícil.

O sei por meu próprio mundo emocional. Requer uma luta muito firme. Todo homem ama a si próprio em sua relação com sua esposa. Suas formas de amor próprio não são suficientes. Por isso sente a necessidade de ser amado pelos demais. Se teu amor próprio fosse forte seria o suficiente. Mas o amor próprio do homem não é o suficiente. É por isso que você, como homem, tem a necessidade de completar-se com o amor externo. Em resumo, a identidade

masculina é realmente questionável e problemática. Pode questioná-la, avaliá-la e superá-la até certo ponto. Em algumas partes, isso conduz realmente a uma superação sistemática.

O amor deve significar antes tudo o nascimento de uma terceira identidade. As amizades de longa data se caracterizam, por exemplo, pelo fato de que se desenvolve uma amizade que é como uma espécie de terceira identidade: não pode dizer nem fazer tudo o que se tem vontade. Não pode simplesmente deixá-la quando se tem vontade. Também podemos ver isso nas amizades entre mulheres e homens de nossas fileiras. Os velhos amigos entre nós não podem permitir-se ao luxo de simplesmente se darem

loriga em nós, homens, também devem poder se encontrar neste marco. Mas não é assim que nos aproximamos do conceito de amor. No amor existe o seguinte egoísmo: corpo e mente lutam pela unidade e tratam de alcançar esta unidade o mais rápido possível. Esse enfoque conduz de certo modo ao egoísmo. Evita que o amor se converta em algo imaterial. Ao contrário, o amor se converte muito rapidamente em algo completamente material e limitado a uma só pessoa. Mas o amor é como uma lei universal. Para sua realização um deve realmente converter-se em um. Um ser humano, seja homem ou mulher, na realidade se sente durante toda a sua vida como uma metade, como algo imperfeito. Sente que



como vencidos. Isso não significa que deixamos ao outro ou à outra escaparem. Não. Mas não se pode romper uma amizade como se tivesse começado ontem. Porque é assim que se constrói uma amizade. É como uma terceira identidade. Está conectada a certos princípios. O mesmo ocorre com o conceito de amor. Nós, como personalidades individuais, não devemos nos preocupar simplesmente por nos encontrar uns com os outros o mais rápido possível. Mais bem devemos esforçar-nos para criar o conceito de amor. O amor deve oferecer-nos certas coisas. Deve proporcionar-nos um marco comum. Neste marco, devem poder se acumular coisas como o carinho, o respeito e a confiança.

Todos os valores que nós, como homens, valorizamos em uma mulher e que a mulher va-

loriga algo. Mas, neste ponto, comumente entra em jogo algo a mais. Podemos chamá-lo de individualismo ou, como faz o líder, de personificação do amor. É nesta atitude que entra em jogo: "É exatamente isso. Isso é o correto. Eu estou certo". Mas este é um enfoque equivocado.

### Como dar-se conta de tudo isso?

Está empreendendo uma batalha com a ajuda de seus companheiros e companheiras. Durante muito tempo me perguntei por que sempre aprendemos sobre liberdade das mulheres que já se demonstraram a si mesmas. Dei conta disso pelo fato de que, ao conhecer frequentemente a uma mulher, ter uma atitude de "é humana de verdade? Prova! Se não demonstrar

teu valor não terei uma relação contigo e não te verei como um ser humano”, isso é um fascismo muito ruim. Forçar uma mulher a uma posição em que ela tem que demonstrar seu valor o tempo todo é fascismo. Observei essa atitude em mim mesmo, todavia a observo hoje. Cheguei à seguinte conclusão: os companheiros empreendem uma batalha, desenvolvem a compreensão dos pensamentos do líder e, devido a isso, certas coisas se rompem. Tão logo como isso sucede, compreende que também te afeta.

Então começa a aprender e a questionar. Mas nosso trato com isso segue sendo parcial ou isolado. Já mencionei isso antes. Apenas o tratamos na medida em que acreditamos ser necessário; o suficiente para nos mantermos em pé. Para que possamos corrigir um erro quando o cometemos. Apenas se te interessam os temas relacionados com a autonomia da mulher. Tudo isso é limitado.

Digo isso pela seguinte razão: sinto que estes mecanismos também são importantes para as mulheres: “Estou em nosso território e, portanto, forte. Não tenho porque ter medo. Se vou a seu território perderei minha autonomia. A mulher é muito forte. Mas, como mulher, tenho que levar a força de minha área comigo, e sobre essa base tenho que liderar discussões e provocar mudanças nas outras áreas”.

Por exemplo, a mulher dá um passo atrás diante do primeiro obstáculo que encontra. Por quê? “Ele é um homem. Não mudará. Durante milhares de anos temos trabalhado contigo. Não terá razão nunca mais”. Então tem uma forte desculpa. Mas não resolve o que realmente se trata. Se apoia nas estruturas autônomas. Isso é um erro. Então, os recursos da mulher não estão em seu território. Neste sentido, o mecanismo não é suficiente. De fato, não há nenhuma razão para discutir a legitimidade das estruturas femininas autônomas. Ali, em minha opinião, tem havido uma considerável acumulação de poder.

### Hevaltî

Entre amigos (hevals) se passa o seguinte fenômeno: diz à mulher “ok, trabalhe-mos juntos”, mas não tem confiança nela. Curiosamente, depois de certo

tempo, o homem reafirma seu controle. Sucede, por exemplo, que as áreas em que as mulheres abrem para a cooperação com os homens ficam sobre o controle dos homens depois de certo tempo, quando os homens têm poucos valores e pouca decência. Também discutimos este fenômeno uma e outra vez nas diversas áreas de prática. Isso significa que as mulheres são culpadas por algo, ainda que tenham boas intenções? Se tornou culpada ao atuar em cooperação contigo enquanto homem? Um homem exclui a uma mulher que não lhe é conveniente. A que gosta, põe debaixo de seu controle. Em geral, nós homens não sabemos como trabalhar com mulheres. Não lhes dê nenhum significado às desculpas dos homens. Inclusive quando a melhor mulher, a mais forte chega a uma área onde um homem é o comandante do front, é fácil ver que o homem nem sequer pode trabalhar com esta mulher. Por parte do homem sucedem as seguintes coisas: nervosismo, intenções muito concretas de colocar a mulher sob o seu controle, utilizar as competências que lhes dão de uma maneira completamente diferente, utilizar seu poder para impor seu controle, insistir em ter a última palavra ao estilo da masculinidade habitual.

Então saem à luz todo tipo de atitudes deste estilo. Como homens, também temos a necessidade de trabalhar com mulheres quando queremos liderar uma área. Por que o primeiro que devemos fazer é tomar precauções depois que alguém se vai? Em resumo, estas variedades de mecanismos serão o resultado do fato de a mulher e o homem renunciarem a suas qualidades focadas no poder e na dominação.





## *A mulher na mãe natureza*

*“Oh, senhora, seu seio é seu campo  
Inanna, seu seio é seu campo  
Seu vasto, vasto campo em que  
derramam-se as plantas  
Seu vasto, vasto campo em que  
derramam-se os grãos.  
Águas que fluem do céu do senhor,  
pães divinos  
Eu beberei de ti”*

### **Fertilidade, Deusas e a Mulher-Mãe**

**F**ertilizar com minha vulva é uma reza anciã encontrada na mitologia sumélica da Mesopotâmia, onde a deusa Inanna, como irrigadora dos campos, é utilizada como uma metáfora para agricultura. Quem reza ilustra o corpo feminino como um portal para abundância terrena (He-gál). A prece foi escrita para expressar o “sagrado matrimônio” que acontece entre a deusa e o rei, em que eles realizam o ato sexual como uma atividade religiosa a fim de promover a harmonia natural junto a terra. O

ato sexual divino era visto como algo necessário para o renascimento da agricultura. O propósito do casamento sagrado era a da união sexual e sua tarefa em estimular a fertilidade da terra e trazer a renovação cósmica. A mitologia sumélica celebra a cooperação de todas as forças da natureza de manter abundância de frutos na terra do Verão (deserto?). Histórias de diferentes mulheres-deidades nos mostram a conexão entre o corpo feminino e a terra, bem como a sexualidade humana e a reprodução celestial.

Um dos mais antigos e mais significativos mitos da história sumélica é o mito de Enma Elis, donde a deusa-mãe Tiamat é morta por suas próprias criações e dividida em pedaços para formar o solo no chão e o teto dos céus. Ela se tornou as montanhas e a água que flui dos rios Tigres e Eufrates. Ela se tornou o mundo em que seu assassino Marduk formou um estado divino do qual autodeclarou-se rei. Uma nova estrutura havia sido estabelecida – fertilidade, união, renovação ao invés de estabilidade, ordem e monarquia. Nesse sentido, nós ainda vivemos no corpo de uma mulher que

foi derrotada e desligada de suas atividades. Há 12 000 a revolução neolítica se pautou na dita “mãe-mulher”, que desempenhou um papel importante no desenvolvimento doméstico e da agricultura. As mulheres integravam uma unidade e um senso de espaço nas vilas, através de práticas comunais como a difusão de histórias e a partilha da comida. Elas ajudavam a criar o sentimento de pertencimento em um momento em que estilos de vida nômades começavam a se assentar em áreas fixas. A vida social tornou-se unificada pelas qualidades matriarcais centradas de união e a imagem social mudou de masculino caçador a mulher acolhedora; de predador a procriador; do acampamento às casas. Abdullah Öcalan acrescenta que “ a mãe-mulher nutria a vida em um entendimento metafísico da santidade da natureza e dos princípios da solidariedade”

**Os perigos do poder natural das mulheres**

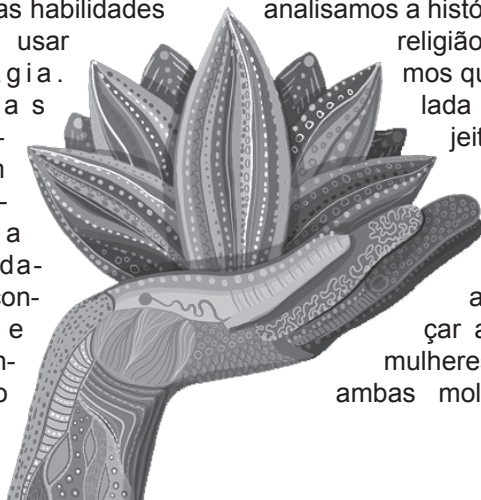
Historicamente, as mulheres não foram o salvos principais das ponderosas elites. Durante a caça as às bruxas européia entre os séculos 16 e 17, instituições de poder como o Estado e a Igreja ambos abençoaram e legalizaram internacionalmente a tortura contra os corpos femininos. Silvia Federeci descreve a bruxa como “a comunista e a terroristas de seu tempo”. Durante o processo de caça às bruxas – o pode communal, o conhecimento geral e os laços sociais foram destruídos junto aos corpos queimados das mulheres. Essas mulheres carregavam o conhecimento de ervas, práticas de contracepção e aborto e as habilidades de usar magia.

Elas podiam descobrir a propriedade escondida das coisas e tinham um entendimento

único dos segredos da natureza que pertenciam a elas a ter esse relacionamento com o processo reprodutivo. O poder social enfraqueceu quando mulheres mais velhas que mantinham a memória coletiva das vilas foram mortas. Como vemos, a modernização Ocidental foi um ato de violência contra a sabedoria das mulheres massacrando um conhecimento ancestral. Negar o passado das pessoas significava negar que seu futuro estava seguro em e um nova ordem manufaturada baseada em seus desvio e falta de senso de si mesmas. As mulheres, em particular, representam uma fluída e incontrolável natureza que se refaz constantemente. A destruição e a dominação das mulheres foram necessárias para implementar um novo sistema de trabalho regulamentado, da ciência positivista, e a racionalização do mundo natural. Matar as mulheres significava matar a sociedade. Mulheres erma vistas como um perigo social e um potencial dano a disciplina do trabalho capitalista. O confinamento da sexualidade feminina era necessário para esterilizar a sociedade, reproduzir uma força de trabalho repetitiva, bem como em transformar o poder das instituições vigentes em outra ferramenta para servir às satisfações do macho e do poder capitalista. As mulheres representavam o poder de Eros (atração sexual, energia erotica) e o amor, o qe ameaçava o poder do Estado e o separatismo – “O amor é o grande mágico, o demônio que une a terra ao céu e faz com com que os seres humanos sejam tão plenos, tão completos com seu seres, que uma vez reunidos, não podem ser derrotados”

**A revolução ecológica perpassa a mulher**

De forma holística, tudo está interconectado no mundo e nada é separado. Então, quando analisamos a história através da mitologia, religião e a ciência – concluímos que a natureza foi controlada e torturada do mesmo jeito em que os corpos femininos foram. Assim, apenas quando a mulher readquirir seu próprio poder natural, a natureza poderá começar a se curar também. As mulheres e a natureza têm sido ambas moldadas e machucadas





como resultado da exploração de caráter capitalista. Como mulheres, nós demandamos nosso poder através de os adentrarmos em nosso poder intuitivo e deixar os papéis sociais regulados, descobrindo nossa sabedoria ancestral. Ultrapassando nossa derrota internalizada, as mulheres podem adentrar-se à experiência divina do selvagem como a mulheridade onde vivem "por atos profundamente criativos, através da solidão intencional, e pela prática de qualquer arte criativa"<sup>3</sup>. Uma mulher livre carrega a semente da vida em seus ovários e retorna dos mortos pelo seu contínuo renascimento. Como símbolo da vida em constante ciclo, ela representa a história e a sempre viva continuação do poder da mulher na existência da sociedade.

*"Minha mãe é como uma brilho  
forte no horizonte,  
Ativa como as montanhas,  
Uma estrela d'alva (que brilha até) a noite  
Uma preciosa pedra de Carmelina, um  
topás dos Marhasi"*





## HERÓICA RESISTÊNCIA

**A**pelando ao povo curdo para ter cuidado com as políticas de guerra sujas do Estado turco, Bayik declarou na Stêrk TV: “O Estado turco quer quebrar a vontade do povo curdo ao visar mulheres, jovens e crianças curdas. É por isso que eles atacam as mulheres. Porque as mulheres se opõem ao fascismo, à ocupação, à opressão, à escravidão, e representam a liberdade e a democracia”.

Bayik acrescentou que “os jovens curdos são mortos no exército”. O Estado turco faz uma declaração dizendo ter tido um ataque cardíaco ou ter desaparecido. Mata-os e envolve-os na sua bandeira no funeral, e realiza uma cerimônia. Com Serhat, a família não aceitou esta situação. É preciso tomar uma posição contra um inimigo como este. Os jovens curdos, especialmente as mulheres, devem evitar abordar oficiais turcos, soldados, policiais, agentes dos serviços secretos, guardas ou representantes do governo. Não se devem apaixonar pelo seu carrasco, devem responsabilizá-lo. Neste excerto, Bayik fala da importância da Resistência Heftanin e adverte o povo do Curdistão do Sul ou Bashur contra as políticas sujas tanto da Turquia como do KDP.

**A resistência em Heftanin continua**

Os ataques de invasão do Estado turco estão acontecendo há mais de 2 meses. Em que fase se encontra a resistência em Heftanin? Como avalia a situação ali?

Saúdo todos os heróis que lutam em Heftanin e presto a minha homenagem. Os mártires de Heftanin caíram como mártires da humanidade e tomaram o seu lugar na história com a sua heróica resistência. Por conseguinte, todos devem proteger estes mártires e recuperá-los. Eles deveriam ver esta resistência épica como a sua própria resistência. Deveriam ver a sua vontade, o seu futuro, a sua liberdade. Os guerrilheiros estão atualmente a escrever épicos em Heftanin sob condições difíceis e muitas vezes impossíveis. Provoca golpes pesados no inimigo. Impede o Estado fascista turco de alcançar o seu objectivo. Os guerrilheiros sacrificam-se, dão as suas vidas. Todos devem conhecer esta realidade. Porque é que digo isto? Porque o KDP diz todos os dias que “a razão dos ataques da Turquia é o PKK”. Eles estão a enganar o povo curdo. Se o Estado turco está a atacar o PKK, é por uma razão: porque o PKK está impedindo o povo curdo de ser massacrado.

Sem o PKK, o Estado turco poderia facilmente implementar a sua política de genocídio contra



o povo curdo. Não só no Bakur, mas em todo o Curdistão. O Estado turco ataca o PKK com todos os seus meios enquanto vê que o movimento desenvolvido por Rêber Apo [Abdullah Ocalan], o guerrilheiro, está contrariando o inimigo e impedindo o genocídio curdo. A Turquia também tenta enganar as pessoas quando diz: “Eu não sou contra os Curdos. Olha, temos relações com o KDP e a ENKS. Eu sou contra o PKK e o terrorismo. Desta forma, a Turquia quer remover os obstáculos no seu caminho. Na história, sempre que os Curdos se rebelaram, a Turquia tentou enganar as pessoas afirmando que os Curdos eram bandidos, que eram contra a civilização, que eram reacionários e que, por conseguinte, deveriam ser eliminados.

A Turquia pensa que o Curdo é o velho Curdo e que o mundo é o velho mundo. Pensam que podem prosseguir e levar a cabo o seu genocídio. Mas isto não é possível. A guerrilha do PKK não o permitirá. É por isso que o KDP tem de deixar de arranjar desculpas. Ninguém deve ser enganado.

Sabemos que alguns relatórios foram preparados. Deseja apresentar estes relatórios ao Parlamento e fazer política através deles. Aviso-vos a todos daqui: ninguém deve preparar um relatório contra o PKK ou dar um passo nessa direcção. O PKK não deixará Heftanin, nem abandonará a sua luta de anos. A guerrilha PKK defenderá o povo curdo e a humanidade o melhor que puder. Porque esta é a sua tarefa histórica. Ninguém os pode impedir de o fazer. Quem cumpriria este dever para com o povo curdo e o povo da região? Nenhum poder seria capaz de o fazer. Devem ver esta resistência como sendo sua e apoiá-la. Devem ver estes mártires e heróis como os seus próprios mártires e os seus próprios heróis.

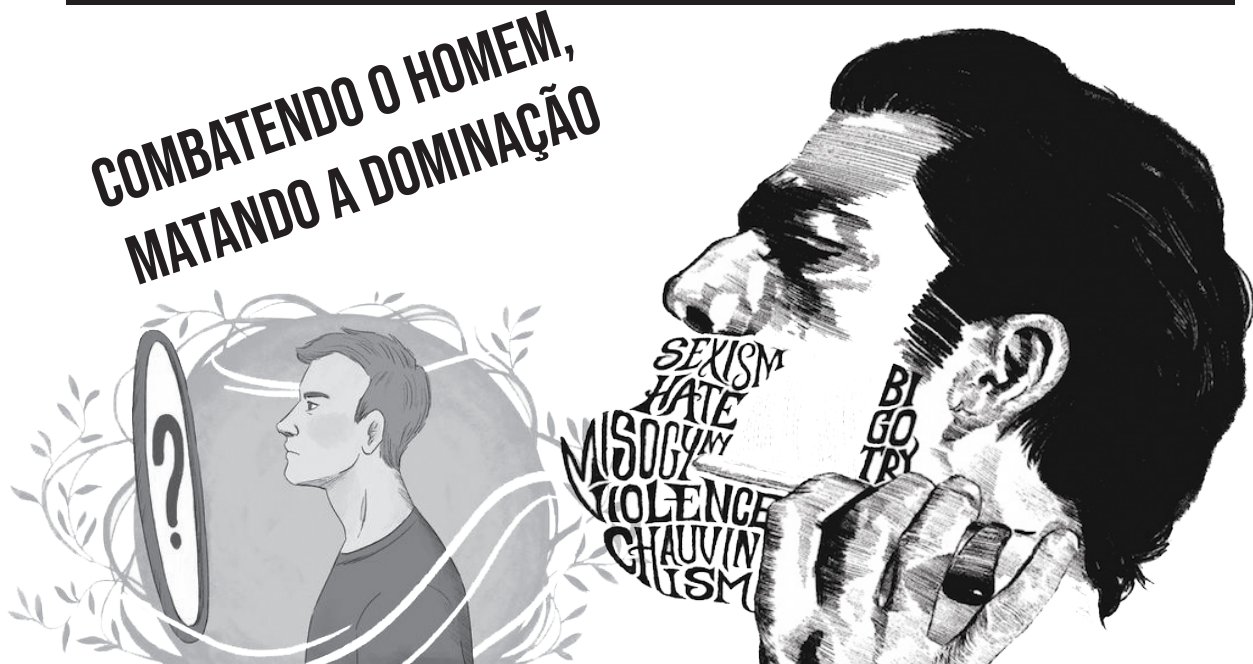
A imprensa nos diz que o KDP quer estabelecer grupos e guardas de aldeia sob o pretexto de defender as aldeias. A Turquia já desenvolveu isto em Bakur. No início dizem que defendem as aldeias levando armas aos camponeses, mas todos sabem que esta não é a questão. Utilizam todos os guardas da aldeia contra o povo curdo. As medidas tomadas em Bashur visam também este fim.

### Qual é o propósito do KDP?

Como eu disse, o KDP está tentando transformar as pessoas em guardas da aldeia, dizendo-lhes para “defenderem a sua aldeia. É evidente que a Turquia o quer. Como sabem, o Estado turco disse “construir uma delegacia de polícia” em 1992, e pagar os seus salários. Agora estão levando a cabo um plano como este. Mas o nosso povo de Bashur é patriótico e pagou um preço elevado durante anos. Eles sabem bem o que Saddam e os seus acólitos fizeram contra eles. Como vão ser os guardas da aldeia que viveram todas estas tragédias durante anos? Como vão fazer frente ao PKK e servir a ocupação do Estado turco?

O povo do Bashur é um povo patriótico e heróico. Pagaram um preço elevado pela sua identidade, vontade e cultura. Como é que a guarda do povo se tornará uma milícia e confrontará a guerrilha? Uma premissa como esta mostra uma grande falta de atenção. Insistir nisto leva à traição. É por isso que advirto especialmente o nosso povo de Bashur. Eles não devem vender a sua dignidade por dinheiro. O nosso povo do Bashur nunca deve satisfazer os desejos de algumas partes. Eles devem opor-se à ocupação. Devem manter-se ao lado dos guerrilheiros e lutar contra o Estado turco. Os jovens do Bashur devem juntar-se às fileiras da guerrilha. O nosso povo deve marchar todos os dias contra a ocupação do Estado turco. Devem proteger a guerrilha, os mártires e a resistência.





Como parte da nossa militância no movimento de libertação, na construção da Confederação Democrática, e especialmente no movimento de libertação das mulheres, os homens militantes também têm responsabilidades e tarefas a cumprir. A nossa luta no movimento de libertação das mulheres é uma luta interna, uma luta contra nós próprias. Trata-se de mais do que solidariedade com as nossas irmãs, trata-se de lutar contra os homens em nós e acabar com a cultura de dominação e violação que nos foi inculcada pelas instituições patriarcais do sistema. Para tal, o primeiro passo é um acto de humildade e de questionamento. Aceitando o facto de o sistema ter moldado a nossa visão do mundo, apropriou-se de uma parte da nossa mentalidade. O Patriarcado moldou a nossa relação com os nossos corpos, as nossas emoções, a nossa natureza e, por conseguinte, as nossas relações com os outros. Trata-se de procurar na nossa mente as manifestações da mentalidade patriarcal a fim de redescobrir o nosso ser mais profundo, o nosso ser natural, a nossa essência livre e democrática.

**Nossa responsabilidade,  
destruir o patriarcado**

É nossa responsabilidade redescobrir a identidade do homem menos a dominação, compreender-nos a nós próprios como homens e compreender as nossas emoções. Esta luta interna

não pode ser uma luta individual que se leva a cabo sozinho diante de um espelho. Só uma dialéctica coletiva pode nos permitir redescobrir a identidade roubada da humanidade dentro de nós. Não é uma questão de apagar partes das nossas personalidades, mas de aprender a viver novamente. Aprender a contemplar e interagir com a realidade em que vivemos sem tentar dominá-la ou controlá-la. O Patriarcado e a sua história milenar criaram o estatuto sócio-histórico das mulheres, mas também o dos homens, numa binaridade não natural. Tem escravizado as mulheres, ao mesmo tempo que prende os homens a um papel de domínio perpétuo. Temos de compreender como o papel que nos é atribuído pelo sistema da civilização capitalista também nos torna, como homens, escravos, lacaios de poder. O Patriarcado baseia-se na mentalidade que inculca nas nossas almas para manter as mulheres sob o seu domínio, fez dos homens policiais que são os primeiros a reprimir as mulheres que resistem às suas condições. Tem criado homens que estão em constante competição uns com os outros, muitas vezes incapazes de desenvolver inteligência emocional, incapazes de se compreenderem a si próprios.

O patriarcado cria desde cedo homens sem sentido, desenraizados, escravos dos impulsos que o sistema utiliza para controlar os nossos desejos e gerar necessidades artificiais dentro de nós. A mentalidade capitalista é baseada na ideia de dominação. O domínio das coisas

materiais pela propriedade e o impulso de acumulação que isso gera em nós. O impulso que passa para a necessidade de possuir, de manter sob o nosso controlo tudo o que pode existir, a natureza, outros homens e, claro, mulheres. O sistema cria homens apáticos ávidos por poder e monopólios porque são mais fáceis de controlar e influenciar. A atracção do lucro e do poder são as cenouras que conduzem legiões de homens ao ritmo infernal da máquina capitalista. O medo de ser fraco ou de ser visto como fraco é o bastão que traz as identidades masculinas re-

partida para a construção de uma personalidade democrática. Compreender o amor em nós, contemplá-lo e aceitá-lo. É o amor que nos dá o impulso para a vontade revolucionária, que nos dá a coragem de resistir ao sistema capitalista e ao seu legado de injustiça e erros históricos. Temos de compreender o amor que se esconde dentro de nós e aprender a expressá-lo em termos diferentes dos do patriarcado. Devemos procurar desenvolver um amor revolucionário. Aquilo que nos faz sentir a liberdade do outro como a nossa própria liberdade, aquela emoção de alegria pe-

O sistema nos nega os laços que fazem dos homens seres vivos, impedindo-nos de expressar e conceber o nosso amor pela vida, alienando a nossa compreensão do amor e da liberdade

calcitrantes para a linha. E as mulheres são utilizadas como classe social, como bode expiatório para a constituição desta masculinidade tóxica de dominação. São os passeios sobre os quais estas legiões de morte caminham. Şehîd Atakan Mahir costumava dizer que, no sistema, quando um homem ama uma mulher, está de facto a amar a si próprio. É a sua capacidade de controlo e propriedade que ele sente, e é assim que o sistema quer que compreendamos o amor. O sistema nos nega os laços que fazem dos homens seres vivos, impedindo-nos de expressar e conceber o nosso amor pela vida, alienando a nossa compreensão do amor e da liberdade. No entanto, este amor, esta liberdade resiste há séculos no fundo das nossas almas, é este amor reprimido que por vezes explode em fogos de artifício revolucionários.

### O amor e vontade revolucionária

Quando um homem estuda a história do patriarcado e da escravidão das mulheres e da natureza, a sua primeira reacção é de odiar o estatuto do homem. Gera nele um ódio ao homem e a auto-reflexão de si próprio que reconhece na atitude de outros homens. Este ódio não é senão a expressão de um profundo amor pela liberdade e justiça que, perante o papel histórico que reproduzimos apesar da nossa vontade, só conseguimos expressar sob a forma de ódio, uma vez que o amor nos é proibido. Este é o ponto de

rante a visão de um pássaro voando livremente nas montanhas. Essa emoção que nos permite construir hevalti (camaradagem, companheirismo) em que o florescimento e o desenvolvimento do outro é o nosso objetivo comum. O amor que se esconde no fundo de nós e que uma vez libertado cria a unidade dos seres, a unidade dos povos. Esta unidade que será a nossa força para derrotar a modernidade capitalista e a sua mentalidade patriarcal de uma vez por todas.

O sistema nos nega os laços que fazem dos homens seres vivos, impedindo-nos de expressar e conceber o nosso amor pela vida, alienando a nossa compreensão do amor e da liberdade.





## ME CHAMO BAGER NÛJIYAN

*O Guerrilheiro Michael Panser, com os codinomes Xelîl Viyan e Bager Nûjîyan, foi morto em 14 de Dezembro de 2018 nos bombardeios pelo exército de ocupação turco nas zonas de defesa da Medya. Num vídeo ele relata as suas ideias sobre uma revolução contemporânea e as suas experiências nas montanhas livres do Curdistão durante uma estadia numa academia no Outono de 2018:*

Meu nome é Bager Nûjîyan, costumava ser chamado Xelîl Viyan. O meu apelido é Michael Panser. Nasci a 1 de Setembro de 1988 em Potsdam, na Alemanha Oriental. A minha família são pessoas com amor pelo país e pela sociedade e nessa altura estavam ligadas ao paradigma do socialismo real. São solidários e têm uma ligação emocional. Com o colapso do Socialismo Real, é claro, viveu-se uma crise, mas eles defendem-no e estão ligados aos valores e ética socialistas. Penso que esta também é uma base para a minha busca da verdade da revolução. Com cerca de 14 anos de idade, assumi um papel ativo na esquerda e comecei a minha busca. O fato de mais tarde me ter familiarizado com o PKK e a filosofia de Abdullah Ocalan também se deve certamente a esta fase. Participei

de trabalhos antifascistas e esquerdistas na Alemanha. Ganhei muita experiência, mas tornou-se claro que estas experiências não eram suficientes na minha busca. O quadro de uma vida liberal, apanhada nas limitações do sistema capitalista, está longe da realidade da revolução. Por isso, escapei e continuei a minha busca. Nesta busca, o caminho para o Curdistão foi aberto. Em 2011/2012 conheci os primeiros Hevals, especialmente através do movimento de jovens e mulheres. A primeira vez que os conheci não estava relacionada com a prática, a sociedade ou a realidade do Curdistão, mas conheci pela primeira vez a filosofia de Abdullah Ocalan. E essa foi a minha busca: quais são as fraquezas da busca revolucionária que empreendemos? Com a nossa busca teórica e filosófica queríamos encontrar e desenvolver uma ideologia de libertação. No ambiente da sociedade europeia, é claro, isto foi associado a grandes dificuldades. Nesta busca, o caminho para o Curdistão abriu-se naturalmente. Conhecíamos a filosofia de Abdullah Ocalan, lemos e estudamos os livros traduzidos. Durante este tempo compreendemos muito: o que procuramos na Europa é o que está escondido para além da civilização

ocidental e da modernidade capitalista, aqui no Oriente Médio e cuja história se perdeu. Estas conquistas revolucionárias estão agora a desenvolver-se novamente aqui, oferecendo novas respostas. Ao mesmo tempo, quando o socialismo real entrou em colapso no nosso país, o caminho foi aberto no Curdistão para uma nova realidade revolucionária. Na nossa busca, percebemos isto. Fizemos contatos e encontramos o caminho para o Curdistão.

### **O problema europeu é a modernidade capitalista**

Uma coisa começamos a compreender: o problema europeu está relacionado com a solução da modernidade capitalista, o modo de vida capitalista. A Alemanha está a assumir um papel de liderança na implementação do sistema capitalista de exploração, e temos de estar cientes disso. Também reconhecemos que sem uma perspectiva internacionalista, uma

### **Construir a força revolucionária**

Adquiri este conhecimento através do aprofundamento ideológico. Isso significava que a adesão ao Partido dos Trabalhadores do Curdistão tornou possível o que considero necessário: a construção da força revolucionária. Apercebi-me disto. Percebi também que uma revolução contemporânea não pode conhecer fronteiras. Isso seria impossível, a revolução não pode funcionar dessa forma. A revolução na Europa começa com a revolução no Curdistão.

Esta ligação é definitiva. Afinal, o paradigma que mantém o seu domínio na Europa de uma forma estreita e grosseira, que impõe uma vida liberal à sociedade e faz da exploração a base absoluta da sua ordem social, é o mesmo paradigma que está hoje a levar a cabo os fortes ataques ao Curdistão. Foi então que compreendemos que primeiro temos de ganhar experiência na prática revolucionária. Desta forma, dediquei-me completamente à

**“Se quisermos criar uma nova implementação da vida socialista, temos que ir onde a liberdade é mais implementada. As montanhas do Curdistão são um lugar extraordinário. Eles oferecem a possibilidade de experimentar a si mesmo na prática.”**

perspectiva revolucionária que transcenda as fronteiras fechadas, não é possível encontrar uma solução para este problema. Desta forma, aprendemos lentamente sobre a revolução no Curdistão e decidi de fato me juntar seriamente à revolução durante este tempo.

Desde 2012, aprofundamos o nosso pensamento, nos educamos e tentámos construir um movimento de acordo com os valores do paradigma, que era o conteúdo das nossas discussões. As experiências e fraquezas que surgiram durante esta fase fizeram-nos perceber uma coisa: que não funciona para apenas metade participar na revolução. Foi durante este período que tomei a minha decisão. Ser verdadeiramente revolucionário deve significar pensar holisticamente. Os revolucionários devem ser contemporâneos e livres do pensamento estreito do eurocentrismo e das perspectivas oferecidas pela chamada modernidade. Caso contrário, é impossível ter sucesso.

revolução. Antes de mais, participei na prática internacionalista, não só para difundir o pensamento e o novo paradigma de Abdullah Ocalan na Europa, mas sobretudo para compreender melhor a modernidade capitalista que se impõe como a última forma de mentalidade masculina na sociedade. Para o efeito, investigamos e também desenvolvemos uma certa prática. Como resultado, vim para o Curdistão.

### **O amor pela sociedade**

No centro da revolução está a mudança revolucionária da consciência. Esta é a tarefa fundamental no trabalho das academias. O que antes não se podia pensar na sociedade, porque especialmente no centro capitalista da Europa, o pensamento é muito dividido e incoerente, e por isso não permite o surgimento de uma nova consciência. Portanto, não há procura no sentido lato de um novo paradigma. Nenhuma nova filosofia pode

emergir que tome a própria vida como base e queira implementar o socialismo real. Estamos a falar da defesa da socialidade, do amor à sociedade. É claro que o amor pela sociedade não é possível numa sociedade explorada.

Tornou-se claro para mim que aqueles que estão numa busca revolucionária devem ir longe na sua busca. Têm de ir consistentemente para a substância. Se quisermos criar uma nova implementação da vida socialista, temos de ir para onde a liberdade é mais implementada. As montanhas do Curdistão são um lugar extraordinário. Oferecem a possibilidade de se experimentar a si próprio na prática. Eles fazem-no perceber o que significa fazer um esforço; e fazem-no compreender novamente o significado desse esforço. Quão profundas são as marcas que o sistema deixa no nosso mundo de pensamento? Na vida comunitária, tal como se vive nas montanhas, todos os problemas e deficiências da nossa consciência se tornam evidentes, que são criados pelo modo de pensar nobre. Uma comunidade de vida comum, um ambiente revolucionário baseado na vontade comum de promover a humanidade e de libertar as personalidades individuais das limitações dos padrões de comportamento nobre. Esta possibilidade foi realmente criada aqui. O sistema governante não pode simplesmente atacar esta base que foi criada. Claro que os ataques militares têm lugar, mas ao combater as consequências ideológicas e psicológicas do pensamento estatal podemos, através de um esforço e trabalho sério, criar aqui uma nova consciência.

### Valores comuns e apoio mútuo

Essa foi a razão pela qual vim para a Academia por minha própria sugestão. Tanto quanto pude alcançar um desenvolvimento no pensamento na prática, foi necessário ir a este lugar especial. Porque a Academia cria um ambiente em que se trabalha intensa e concretamente na tomada de consciência das próprias formas de pensamento estatal e ao mesmo tempo também da sua alternativa. Isto tem lugar num



ambiente que se caracteriza por viver em conjunto, trabalhar em conjunto, trocar com outros, tudo está lá - valores partilhados, apoio mútuo.

A verdadeira amizade é mais claramente vivida nas academias. Nos analisamos muito cuidadosamente para ver que resquícios do sistema de exploração se refletem no comportamento de um amigo. Não é aqui que separamos o indivíduo da comunidade ou onde um indivíduo deve adaptar-se às características do grupo. Do meu tempo à esquerda, posso dizer que não conseguimos de todo resolver esta contradição. Encontrar o equilíbrio certo entre o indivíduo que está a travar uma batalha interior e o seu ambiente, para que se fortaleçam e construam uns aos outros. Reconhecer e querer proteger uma pessoa tal como ela é neste momento não pode ser tudo - porque todos nesta sociedade aprenderam a comportar-se como um mestre. O que significa a verdadeira amizade, que queremos viver e criar aqui? Não tomamos uma pessoa como aquilo em que se tornou e como ele se apresenta a mim, mas de acordo com os seus objectivos e o seu potencial. A nossa abordagem consiste em desenvolver cada amigo de acordo com os seus pontos fortes. Neste sentido, nos criticamos mutuamente e tentamos encontrar métodos de desenvolvimento da personalidade. É por isso que vim para a Academia e é uma luta interior muito intensa. Através destes



esforços, criamos a base desta vida. Porque estamos conscientes de que o socialismo que queremos criar, isto é, uma vida nova, uma vida que aspira à liberdade, uma vida igualitária, que entende o próprio ser humano como um valor, que reconhece o valor das realizações sociais e que toma como base o potencial da própria sociedade, bem como a sabedoria e as lutas que têm sido levadas a cabo.

### **Começando com a sua própria personalidade**

Se queremos construir os nossos sonhos e utopias, por onde é que temos de começar? Na nossa própria personalidade. Abdullah Ocalan coloca uma ênfase especial nos efeitos do patriarcado. A sua análise é transferível para toda a civilização hegemônica dizendo: Se a masculinidade patriarcal interna não for superada, o socialismo permanecerá sempre incompleto. Um socialismo que não entra na substância, ou seja, que não começa no próprio homem e não cria uma nova personalidade, personalidades livres, não pode produzir novas realizações.

É assim que avaliamos o socialismo do passado, as experiências históricas que tiveram lugar e as suas deficiências. Havia uma sociedade militante e desenvolveu-se uma sociedade pioneira, mas a raiz do problema não foi compreendida: O que é um homem livre? Esta é a questão fundamental: Quais são os efeitos da dominação sobre o próprio homem? Este é o problema fundamental. Uma vez que estas questões não foram abordadas, o próprio sistema foi repetido. Não houve separação de dominação. Embora muitos tenham dado as suas vidas nesta luta, foram feitos grandes esforços e muito sangue e suor foi derramado, estas tentativas podem não ter falhado completamente, mas certamente não alcançaram os resultados desejados.

É isso que temos de determinar. A vida na Academia é um esforço para se libertar a si próprio. A revolução não é algo que acontece de uma só vez. Não se trata de uma única revolta ou de uma vitória militar. Não é possível. A revolução é um estado permanente que começa com um passo, com uma decisão: a decisão de participar na revolução e de romper com o sistema

governante; o entendimento de que a vida que somos obrigados a viver sob este sistema está errada e que algo novo precisa de ser construído. A revolução pode começar em cada pessoa com uma revolta, mas ela própria é um estado permanente. Se não se tornar um processo alinhado com as circunstâncias existentes e futuras, então não é uma revolução. É uma insurreição ou revolta, mas não uma revolução. Muitas vezes isto tem sido historicamente mal compreendido e tornou-se um obstáculo.

### **Pensar, sentir, agir**

Construímos os nossos alicerces sobre esta ideia. O nosso envolvimento futuro também depende disto e não pode ser previsto. O caminho da revolução não pode ser concebido e implementado de acordo com um plano. A história tem mostrado que isto é impossível.



vel. É por isso que os preparativos que aqui estamos a fazer consistem na construção de uma personalidade militante. O que significa ser uma personalidade militante? Temos de estar preparados para tudo, como a fase atual nos exige. É assim que criamos o pensamento holístico: o método para compreender qual é a situação atual, o significado histórico e os perigos da situação atual em que nos encontramos, e também o seu potencial.

Se vivemos assim e o compreendemos dessa forma, então não é assim tão importante para onde vamos - em que país estamos ativos, em que parte do Curdistão ou se vamos para outro continente. Na prática, existem naturalmente diferenças, mas é o todo que importa. Para compreender corretamente as nossas ideias, para desenvolver a nossa organização, a linguagem certa, a forma correta de comunicação e crítica - e, neste sentido, para organizar corretamente a nossa vida. Se pusermos bem estas coisas em prática e nos esforçarmos por boas práticas, se apreciarmos o valor dos nossos esforços e também compreendermos os esforços dos nossos amigos, podemos comportar-nos em conformidade. Especialmente a importância do esforço e empenho dos caídos que deram as suas vidas nesta luta - se entendermos corretamente todos estes pontos, criando unidade de pensamento - sentimento - ação, podemos criar militantes que podem implementar tudo o que for necessário. Isto foi comprovado no desenvolvimento desta revolução, não foi?

### **Boa sorte a todos**

Uma pessoa que é clara na sua vontade, e que realmente liga os seus sentimentos e desejos com a busca da liberdade, a luta certa para revelar a verdade, pode alcançar tudo. Há exemplos no nosso movimento e também noutras revoluções perante nós há dezenas de milhares de exemplos de pessoas revolucionárias, como agem, que esforços fazem, e como participam. É nosso objectivo e nosso dever defender isto e fazer o trabalho em conformidade. Isto é o que posso dizer. Boa sorte a todos!



*Este texto foi retirado da brochura produzida pela Comuna Internacionalista e pode ser encontrado em [internationalistcommune.com](http://internationalistcommune.com)*

***Dedicado a Şehîd Bager Nûjiyan, o revolucionário internacionalista que inspirou, e continua a inspirar, tantos outros a seguir seu caminho. Que cada vez mais internacionalistas juntem-se a esta revolução para construir uma vida livre da escravidão capitalista!***

***Os mártires são imortais!***





## SOBRE A AUTODEFESA

**A**utodefesa significa existência. Sem ela não podemos sobreviver, não podemos ser. Dentro da compreensão da autodefesa: o que queremos dizer com o “eu”, o que queremos dizer com “defesa”? O eu tem uma base universal, como parte do todo, de todo o universo.

O eu tem uma base universal, como parte do todo, de todo o universo. Se o eu, na compreensão, no sentimento, só abarca o próprio mundo, então suas ações não estão conectadas, mas apenas se referem à sobrevivência da própria vida. Assim, a sociedade não pode ser, porque necessita que estejamos conectadas para que constitua a si mesma. Necessita criar uma mente e um coração comuns que sejam diversos e completos, como o mundo que a rodeia, que segue crescendo e enriquecendo-se, compreendendo-se a si mesma. Quanto menor é o pensado e o sentido, mais distante está este eu do mundo, da vida, mais distante está de uma defesa que almeja construir uma sociedade ética, significativa e amorosa. É assim que este eu deve existir com respeito e sentido: conectado ao mundo em que cresce. Também é um “nós” que é um “nós” quântico universal.

Não estamos sozinhas, porque ninguém é única. Eu, nós, estamos feitas das mesmas estruturas e influências sociais, religiosas, culturais, familiares e históricas que constituíram as outras eu, mas com diferentes combinações. Essas combinações fazem de cada uma de nós únicas,

mas também é algo que nos conecta. Nos fortalecemos desde nossos diferentes contextos significa dar uma base sólida a esta identidade comum. Porque precisamos da força e da diversidade de muitas para defender o mundo e as diferentes sociedades e realidades que ele comporta. Quem é este “eu”? Uma pessoa? O universo? Nós? Quem é o “meu ser”? O que é “nós”? Como aprendemos a nos converter em um “eu”? Como unimos o “eu” e o “nós”? É importante perguntar, buscar e explorar todo o conjunto, encontrando a profundidade e as conexões que compõem um eu criativo, amoroso e significativo.

**A defesa é um ato de construção de estruturas e pontes entre os humanos, a natureza e a existência**

De modo que todas as partes se completam no todo. Um “eu” conectado defende um mundo com um significado mais amplo, dando sentido a todas as partes deste todo. Porque “defender” é criar considerando esta totalidade, que é um fluxo contínuo, e mudando dentro dela. Uma “defesa” individualista e centrada no ego irá destruir o tecido que mantém unidas as bases da vida e da liberdade. Tal “autodefesa” é uma falsa defesa, um eu que destrói sua conexão consigo mesma e com a vida. Hoje em dia, a maioria de nós se conecta “para defender algo”, quer dizer, para um ato violento contra alguém. Assim, se

converte em ganhar e dominar, destruindo a ameaça com o objetivo de sobreviver. Mas, com esse foco em “ganhar ou perder”, o paradigma de “elas e nós”, a filosofia da divisão, nós criamos uma mentalidade “contrária”. Com essa definição e os atos cotidianos aprendemos a ver e a sentir o mundo como um lugar hostil. Apenas pode ter uma vida segura se destrói ou controla todas as possíveis ameaças. É uma “defesa” que justifica os ataques contra o mundo em que vivemos. Matar e destruir em nome da “vida”.

Somos realmente esse eu individual e único, que não é resultado de toda a história humana? Ou somos a evolução de nossas antepassadas? Somos as melhores versões delas? Estamos fazendo mais? Estamos funcionando melhor com a lógica moderna? Acreditamos? No pensamento, no sentimento? Acreditamos? Em algo? Em nós? Nas demais? Por que é importante entender onde estamos e por quê? O que se necessita para converter-se no próprio “eu”? Como aprendemos a ser parte da comunidade?

Por onde começamos? Onde começa nossa viagem? Nossa viagem começa antes de nascermos. Nossa viagem, seja qual for o gênero que tenhamos, é a viagem das mulheres através da história. É a história da ruptura do equilíbrio entre os humanos, entre os gêneros, entre todas as vidas, criando hierarquias entre quem tem o direito à vida e quem não. Tudo o que acolhemos, todos os sentimentos, impressões, pensamentos, são parte da história destas rupturas, de nossa mãe, de sua mãe, de inúmeras mães antes delas, inúmeras mulheres antes delas. Sentimos o que não nos disseram, não nos explicaram. Sem filtros e crescendo dentro do útero, a realidade destes sentimentos nos cria. Ali, no ninho quente e reconfortante, dentro de nossa mãe, aprendemos primeiro o que ela sente, o que ela aprendeu... Sobre si mesma, o mundo, o sentido da vida e como tudo isso está conectado a ela como mulher, determinando seu lugar nesta Vida. O que ela sente quando pensa em nós, sentimos se somos queridas ou não, sentimos as dúvidas, a incerteza, a impotência. Sentimos quanta segurança há, quanta confiança no futuro ela percebe para ela e para nós. Ama? É amada? Respeitada? Confia? Quanto menos disso tudo haja, mais insegura é. Não somos uma cópia exata de nossa mãe, mas ela nos mostra primeiro através de suas emoções em que tipo de mundo, em que tipo de realidade nos encontramos. Isso poderia sig-

nificar sentir se é bem-vinda ou não como uma criança. Crescer com isso, cada passo do caminho, essa primeira aprendizagem. Tudo o que segue, o que a família, as amigas e a sociedade nos ensinam sobre nosso papel aprofundará o que aprendemos tão cedo. Muitos fatores estarão envolvidos na influência sob nosso ser, nossas motivações e decisões, nossas atitudes.

Entender quais valores perdemos e quais são os resultados disso é o começo da defesa, da autodefesa. Necessitamos recriar e devolver estes valores a nossa vida comum. Entender de onde vem a “forma de pensar e sentir” que nos separa, onde está enraizado o medo, o preconceito e o rechaço, por que alguns são mais dignos de ser vistos que outros... Nos guiará através desta história de rupturas e destruição constante.

**Mas também nos levará através de uma história oculta de resistência e de defesa, desde um foco diferente ao de matar a todos os que não se dobram ou não se encaixam**

Há muito tempo, os valores da existência estiveram protegidos pelas Mães. Eram os pilares da vida, da vida comum, e a maior forma de autodefesa. Autodefesa, que se definia pelos atos de criar e construir, conectar e amar, alimentar e curar. Era a época da Deusa Mãe, nossa Mãe-Natureza. Ela era defendida por todos e era a que tudo defendia. As sociedades a deram um significado, ela levou seus valores à vida diária, compartilhando e cuidando do todo comum. Sob sua guia, as sociedades se protegeram com fortes laços e uma compreensão comum de sua própria existência, uma vida em liberdade enraizada em sua união.

Há uns cinco mil anos chegou o final do período Neolítico. Os humanos aprendiam rápido, sempre se desenvolvendo em diferentes direções. O que entendemos da história é que, por volta desta época, uma mentalidade dominante começou a se espalhar e a criar um novo conceito de ser. Dividiu o humano em categorias. Criou hierarquias baseadas no domínio de uma mentalidade masculina dominante, que mudou toda a compreensão do ser humano dentro do mundo. Construiu diferenças baseadas na opressão do outro, entendendo a liberdade como uma forma de preservação dos bens materiais e da consciência individualista; criando rachaduras entre os povos; queimando pontes; queimando mulheres; queimando as raízes e o conhecimen-

to. Até que, hoje, entramos no século XXI longe deste mundo de Mães-Guia. Nossos corações não chegaram a conhecer ou apreciar a profundidade desta imensa e incessável diversidade. A confiança originária que deu lugar a uma inquietude destrutiva que calcula, pesa, privilegia a si mesma, o hoje, sem consideração com os recursos, sem gratidão pela vida. As histórias que escutamos hoje nos retratam como a mais sublime de todas as criaturas, divina e possuidora de tudo. Já não somos parte do todo, nunca estivemos feitos do mesmo material, valemos mais, somos diferentes e tão originais que a natureza tem que se dobrar diante de nós e não o contrário. Nosso dever é controlar, dominar, porque a natureza é hostil e deve ser conquistada, porque ela

está contra nós. O patriarcado e a dominação são a expressão máxima disso. Escravizou os seres vivos e deu aos homens o poder de verem a si mesmos como mais dignos que as mulheres,

a natureza e todos os que não se entendem como fortes e poderosos. Métodos de opressão foram desenvolvidos para oprimir de uma maneira mais inteligente. Deixar que os escravos sintam-se livres ao escravizarem-se voluntariamente para obter uma parte do poder destrutivo. Todo mundo parece perceber, muita gente sente, mas como sair deste círculo de desejos destrutivos? E... Realmente queremos sair dele?

Somos as gerações que são capazes de ver, sentir e viver os resultados extremos desta mudança de mentalidade de milhares de anos atrás. E quando investigamos, encontramos as pegadas da resistência, da rebelião, da beleza de não aceitar a destruição e a exploração ao nosso redor e dentro de nós mesmos. A qual é, desde

então, cada dia, cada hora, cada minuto, cada segundo... Uma luta contínua. É uma guerra de mentalidades. O objetivo desta guerra é destruir a confiança que temos em nossa força comum. Para nos defendermos dentro do eu comunitário precisamos nos organizar com outra mentalidade, longe do patriarcado e da dominação. Mas também há uma ferida dentro de nós. A mentalidade contra a qual lutamos vive no fundo de nossas almas e corações. Se não fazemos perguntas desde outro ângulo só obteremos respostas lógicas e mensuráveis, frias e sem vida. Se não analisamos com outros olhos não podemos acreditar na mudança desta mentalidade pavorosa. Não podemos levar a cabo o que não é necessário. Temos que voltar a aprender

o amor. Nossas ações podem ser uma resistência violenta, capaz de golpear aos opressores física e economicamente, muito forte, capaz de matar os nossos executores, capaz de fazer

uma mudança

de poder dentro da constituição do Estado. Mas estaremos recriando sua mentalidade com nossas ações. Porque a violência usada com este foco é um ataque contra todos os seres vivos. É responder à destruição com destruição.

Sendo assim, se a resposta para a destruição é o amor, então deveríamos nos perguntar o que significa o amor. Ou, primeiro, nos atentar ao que não é. Não deveríamos confundir-lo com esta mentalidade e emoções de propriedade, destruição e sexualização, que são muito comuns quando se “ama” nas sociedades atuais. Temos que voltar a como crescemos e ao que nos ensinaram sobre nós mesmas (o “eu” e o “nós”) e sobre a vida. O “amor” que vemos e sentimos hoje em dia é a principal razão pela



qual as pessoas têm medo e desconfiam das demais, como resultado da mesma mentalidade que nos permite possuir o mundo ou um animal de estimação, ou o que for. Criando e cuspido nossas expectativas sobre o “amado” na tentativa de sentir algo positivo. Trata-se de ser dona dos corações, das almas, de possuir e controlar toda a vida, porque só assim é real e especial, porque o “amor” só pode ser algo especial e exclusivo. Em muitos lugares, em todo o mundo, as pessoas se matam entre si, se oprimem, violam, assaltam, golpeiam... Em nome deste “amor”. A maioria das mulheres é o objeto deste “amor”. Mas ele é a expressão mais profunda do ódio e de não amar nada. É o medo e a dor, o que cria mais medo e mais dor. Com este “amor” permanecemos presas dentro desta realidade individualista e divisora que sentimos ao nosso redor.

O amor só pode crescer e viver através da comunidade, dentro da liberdade de crescer, aprendendo emocional e mentalmente como sentir-se conectada e amada pelo que é. Trata-se de aprender a sentir e pensar de forma distinta, apreciar os milagres e as questões da vida, amar as diferenças e as similaridades. Trata-se de valores e seus limites. Trata-se de responsabilidades, de cuidar por amor e não por medo. Trata-se da liberdade, o que significa criar uma vida livre. Essa vida livre não pode depender de um lugar, de um tipo de pessoa ou de um ser. A liberdade é para todas e para tudo, porque a existência de um eu individual, de uma sociedade individual e, inclusive, de um único pensamento ou sentimento não existe, é parte do todo. A Liberdade é Amor e o amor é responsabilidade e vínculos comunais. É organizar a vida junto com o amor. Não podemos esperar um momento perfeito de amar, temos que criá-lo todos os dias, uma e outra vez, criando amor e esperança dentro de cada momento. Organizando nosso amor, que não tem outra prioridade além de crescer em todas as partes, podemos entender que ele é uma fonte primária de libertação.

Tudo o que fazemos tem

um impacto, representa uma mentalidade, representa o quanto valorizamos quem somos, de quem estamos rodeados, o que estamos vivendo, quanto amamos, tudo. Quando falamos do momento quântico estamos falando da magia criativa de se estar no momento, a cada momento. Ser uma revolucionária no “agora”. Entendemos a dinâmica da mudança como um estado de revolução constante.

Se não lutamos com este foco tudo o que criamos será uma repetição de uma mentalidade destrutiva, que já nos ensinou tanta desconfiança, frustração, ódio e medo, trazendo-nos ao mundo em que estamos.

### **Não somos donas deste mundo, somos parte dele**

Nossos atos de defesa devem equilibrar a história da opressão com a dignidade e a esperança de cada uma, com o amor à liberdade, à vida e a todo nosso mundo. Nossa existência não pode estar acima da sociedade. A Sociedade, a Organização e o Amor são as formas mais básicas e efetivas de autodefesa. É este o legado que estamos defendendo. O calor do

fogo que manteve vivo o espírito da sociedade. Há milhares de anos se manteve através das matriarcas da sociedade. Até hoje se mantém vivo e forte em cada pequeno passo, em cada decisão de lutar contra esta mentalidade tóxica de divisão e ódio. O caminho até uma revolução mundial das mulheres é trazer de volta a autodefesa comunal que libertará toda a sociedade.

**Temos que defender  
Nosso eu  
Nosso nós  
Juntas.**





## *Lutando por uma sociedade livre*

*O termo "Rojava" é agora conhecido em todo o mundo e simboliza esperança, libertação da mulher, autodeterminação e uma alternativa democrática ao sistema existente.*

**Q**uando o estado turco atacou a cidade de Efrîn em janeiro de 2018 e as cidades e regiões entre Girê Spî e Serêkaniyê em outubro de 2019, o mundo parou. Em todo o mundo houve resistência contra os ataques à esperança de todos nós de uma vida autodeterminada em liberdade e dignidade. O dia 19 de julho marca o 9º aniversário da revolução em Redditch. O que começou com pequenos protestos em Qamişlo, Heseke e outras cidades, logo se transformou em uma onda de resistência contra a opressão dos curdos e outras minorias na Síria e uma luta pela liberdade. A opressão da população curda na Síria chegou a tal ponto que em 1962 cerca de 120.000 curdos foram privados de sua cidadania, tornando-se apátridas. Toda sua existência foi simplesmente negada e sua língua e cultura foram suprimidas, como nos 4 estados nacionais nos quais o Curdistão estava dividido.

### **Lutando por uma vida digna**

Pelo menos desde a libertação de Kobanê em fevereiro de 2015, Rojava e a luta dos curdos por seu direito de existir e pela libertação da diversa população do norte e leste da Síria tornou-se um nome doméstico em todo o mundo. A incrível resistência que amigos como o comandante do YPJ Arîr Mirkan colocaram na luta contra a SI continua inesquecível. Ele sacrificou sua própria vida para não deixar a cidade de Kobanê para o inimigo e para os valores da revolução. Sob a liderança das mulheres curdas, foi possível construir um novo modelo de sociedade para toda a região, apesar do estado de guerra. Foi preciso muita coragem e fé forte para acreditar e implementar mudanças em uma situação tão aparentemente sem esperança.

### **O que significa liberdade?**

Muitos daqueles que recorreram à revolução em Rojava sonham com a liberdade, porque está mais próxima da liberdade. Na civilização capitalista, somos levados a acreditar em uma liberdade que só pode ocorrer dentro dos limites do

sistema capitalista com suas limitações e regras pré-fabricadas. É realmente livre para escolher um dos muitos caminhos pré-determinados? E o que significa liberdade se for apenas a liberdade dos indivíduos baseada na opressão dos outros? Ou é apenas a liberdade de escolher como se distrair da falta de sentido e insignificância na própria vida e o que pode ser consumido por ela?

Em Rojava a democracia é vivida no sentido mais verdadeiro da palavra. O autogoverno implica a organização de toda a sociedade, de todos os grupos étnicos e religiosos, para decidir sobre seus próprios interesses de forma autodeeterminada. A responsabilidade e o poder sobre decisões que afetam a sociedade não é simplesmente entregue nas urnas a cada 4 anos. A questão da libertação de gênero também é respondida na Rojava. Com base na libertação da mulher, toda a sociedade é libertada, as mulheres decidem autonomamente sobre si mesmas e se tornam pioneiras da libertação da sociedade. O que nos trouxe a igualdade liberal nos países capitalistas? Nada, exceto que exigimos a mesma exploração e posição que os homens, mas nos é negada nossa própria identidade livre, baseada em nossa história coletiva como mulheres.

### **A luta da modernidade democrática contra a modernidade capitalista**

Logo após o anúncio da completa libertação do Daesh em áreas do norte e leste da Síria, houve ataques do sistema capitalista patriarcal na forma do Estado turco, como era de se esperar. Como o sistema capitalista se alimenta de guerras e da libertação do Daesh poderia ter trazido paz à Síria, as potências hegemônicas e imperialistas usam a Turquia para promover seus interesses no Oriente Médio.

Como membro da OTAN e com o apoio do Ocidente, o Estado turco fascista executa sua política de genocídio contra os curdos sem medo de ser processado.

Anos antes, os próprios Estados Unidos tinham construído o Estado Islâmico (IS) na região a fim de proporcionar a desestabilização. Está ocorrendo uma luta ideológica entre a modernidade democrática e a modernidade capitalista.

O sistema capitalista está em grave crise, porque não é possível o acúmulo infinito de dinheiro na base de uma terra finita. O fascismo está sendo sentido em toda parte, física e mentalmente: todos os dias, neste sistema,

estamos em guerra. Na Rojava e em todo o Curdistão também sentimos a guerra em sua forma física, mas na Europa os ataques são mais subliminares e nos tornam desconfiados, temerosos ou emocionalmente entorpecidos.

### **Pensamentos à palavras e palavras à ações**

Todos os dias podemos escolher fechar os olhos para o sistema capitalista patriarcal, que na forma de estados-nação mata todos os dias em nome da “democracia”. E se há muita resistência em casa, então a lei se adapta rapidamente para manter seu próprio poder, porque é “democrática” o que acontece nos países ocidentais. Todos os dias podemos continuar a viver uma mentira e ouvir a duplicidade. Ou podemos abrir nossos olhos e decidir lutar, todos os dias, como a sociedade da Rojava. Eles conseguiram se livrar de um sistema que nega e oprime tudo e todos que não se conformam com sua regra. Devemos perceber que o sistema nos ataca todos os dias e quer nos moldar de acordo com sua vontade. Lutadores curdos como a Avesta Xabûr deram suas vidas e resistiram pela liberdade do povo. Foi esta determinação de lutar por uma alternativa que tornou possível o modelo social da Rojava.

A autodefesa e a resistência que ainda é oferecida na Rojava ocorre em todos os níveis: social, político e militar. Neste sentido, a resistência e a autodefesa devem ser construídas em todas as áreas da vida. Como Besê Hozat diz em um texto, estes tempos exigem uma frente antifascista, nossos pensamentos devem se tornar palavras e nossas palavras devem se tornar ações. O povo de Rojava deve ser visto como um exemplo para que a Europa possa superar divisões e construir autodefesa de baixo para cima. Podemos ser escravos do sistema e ter sempre medo da verdadeira liberdade, ou podemos nos levantar com a sociedade e lutar por um futuro decente para a humanidade.

**Bijî berxwedana Rojava!  
Jin jiyan azadî!**





# NO A LA OCUPACION DEL ESTADO TURCO EN EL KURDISTAN



DEFENDAMOS  
LA LIBERTAD  
Y LA REVOLUCION

*mei men*

*Platts*



## Viver a beleza de forma coletiva

*“Quem é uma pessoa bonita? O que é o que vale a pena e merece ser amado? Qual é a identidade e a personalidade que mais deve ser amada? Quem possui atitudes que conduzem ao amor? Devemos ser capazes de buscar, revelar e desenvolver a beleza e o que é mais amoroso. Sua razão para permanecer nestas fileiras é a capacidade de ser uma fonte de amor e beleza. (Abdullah Öcalan)*

**A**ntes Antes que a estética fosse confinada à esfera da filosofia e da arte, antes que fosse concebida como um corpo feminino que se submete aos desejos do homem, todo esse valor agregado, beleza e sentido para a vida, era percebido como sagrado e belo. Abdullah Öcalan aponta isso de forma contundente: “Não reconheço a beleza fora de uma sociedade ética e política. A beleza é ética e política! Especialmente com o surgimento e ascensão do poder e do Estado, a beleza e a bondade só puderam ser protegidas através da luta. Zaratustra diz: “Pense, fale e aja bem”, traçou princípios, um caminho no qual muitos como Mani, Buda, Confúcio e Sócrates desenvolveram pensamentos para defender valores sociais.

Nas culturas do mundo surgiram heróis, profetas, totens, divindades, religiões, crenças, mostrando às pessoas o caminho para a beleza, a bondade e o bem. No mais longo período da história humana, devido à personificação na mulher de tudo o que é sagrado na vida e a representação da mulher na sociedade nesta cultura comunal, ela era vista como fonte de beleza.

### O que era beleza?

Na antiguidade, nos períodos em que as condições de vida humana eram limitadas, aquilo que reforçava as condições de reprodução, alimentação e proteção era reverenciado e considerado belo. Entre os artefatos arqueológicos mais impressionantes dos períodos Paleolítico e Mesolítico estão as muito debatidas figuras femininas, que são comumente chamadas de Vênus, e que encarnam este fenômeno. Considerando que, apesar dos escassos meios de apoio sob uma vida não sedentária, onde as condições para a corpulência eram quase impossíveis, a veneração da fertilidade e das Vênus - que desempenharam um papel notável na vida, tornaram-se símbolos de valores so-



ciais como a beleza e o sagrado. Estas figuras representam mulheres com grandes barrigas e seios proeminentes pendurados até seus quadris largos, que muitas vezes estão parindo.

Na geografia do Oriente Médio, é possível encontrar figuras femininas de maior tamanho e significado sugestivo, do início da era Neolítica, estimado em cerca de 6.500 a.C. Entre as mais antigas estão as casas de Çatalhöyük, com representações de mulheres em relevo, tão antigas como entre 6.500 e 5.600 a.C. Nestes relevos elas geralmente estão grávidas e têm seios grandes. Öcalan refere-se à fonte das figuras femininas Çatalhöyük quando escreve que: "A revolução neolítica (...) ocorreu no berço dos rios Eufrates, Tigre e Zab. Começa ali e vai até Çatalhöyük. A mulher é a primeira a desenvolver a agricultura e a criação de animais. É representada como se protegendo com dois leopardos. Nas escavações nestes locais surgiram muitas figuras femininas, porque o poder das mulheres era hegemônico. A famosa Potnia Theron (senhora das feras), entre o que parece ser duas panteras, é ao mesmo tempo mãe e juíza da natureza. Segundo um arqueólogo, Potnia deve ter sido a mãe de outras deusas que teriam sido uma fonte de esperança para camponeses e pastores desde o início do Neolítico até a ascensão das religiões monoteístas de dominação masculina.

Em períodos posteriores, a beleza, a fertilidade, a bondade e o bem encontraram significado para as comunidades agrícolas matrícênticas na adoração da deusa. Inanna para os sumérios, Ishtar para os acádios, Astarte para os cananeus, Kubaba e mais tarde Cybele para os huritanos e hititas, el-Uzza para a península árabe, Demeter para as culturas latinas e Afrodite para os gregos, representaram símbolos, rituais e práticas comuns. Todas elas são deusas da fertilidade, do amor e da beleza. Öcalan afirma que a tradição de Inanna-Afrodite representa uma feminilidade que ainda não perdeu sua beleza, seu encanto sexual e sua força física. O que então é representado nas deusas é a tradição agrícola da sociedade, seu modo de vida ético-político. Ainda é possível encontrar



traços das culturas da deusa nos restos das sociedades ético-políticas e reconhecer as imensas lutas criadas nos lugares onde esta cultura é forte. Embora não haja vestígios deles no início, aparecendo ao lado das deusas, os deuses surgiram primeiro como seus filhos pequenos e depois como seus maridos. Dumuzi ao lado de Inanna, Tammuz ao lado de Ishtar, Baal com Astarte, Attis com Cybele, Osiris com Isis, e Adonis com Afrodite. O ritual sagrado do casamento, que é uma união da deusa com seu parceiro escolhido, realizado no início da primavera, ocorreu segundo os desejos da deusa. As elegias relatam a beleza e a fertilidade deste processo. No outono, Dumuzi, Tammuz, Baal, Attis, Osiris e Adonis morrem, representando o retorno da natureza à terra, só para se reunirem novamente com a deusa no início da primavera. Estas histórias mitológicas ainda prevalecem em nossos épicos como Leyla e Majnoun, Mem e Zîn, Kerem e Aslı, Tahir e Zühre, Yusuf e Zulaikha, Arzu e Qamber, Siyabend e Xecê, histórias que ainda hoje são contadas. A beleza das mulheres nas elegias das histórias épicas de amor representam, de fato, as deusas como fonte de vida e beleza, enquanto expressam um anseio da Era. Por esta razão, nestas histórias trágicas, o amor é sempre atacado por forças malévolas: os amantes nunca conseguem se unir neste mundo maligno, mas seu amor continua sendo a fonte da verdadeira beleza. É por isso que Farhad e Shirin dizem um ao outro: "Eu encontrei a perfeição somente em ti / De agora em diante não posso esperar criar perfeição / Minha primeira derrota é minha suprema derrota / O trabalho de Farhad está concluído / Shirin se opõe às palavras de Farhad. / Ela diz: Já embarcamos na criação / Todas as belezas nos serão pedidas / Embarcamos nela o bom e o correto / Nosso pensamento sempre buscará a eternidade / Apague tudo o que você criou se quiser / Se quiser, crie tudo de novo / Se quiser, conte uma paixão que não se diminuirá / Caminhe em direção aos tempos que nos esperam / Quero que você supere minha beleza / Não quero ficar sozinha na natureza / Devo entender a mim mesma com o que tu criastes / Dê-me belezas maiores (Tradução não-oficial).

Durante muitos períodos de tempo, a beleza encontrou significado na forma de valores coletivos. Aqueles que eram corajosos, abnegados e modestos, aqueles que viviam comunitariamente, aqueles que não se ajoelhavam diante da injustiça, aqueles eram vistos como belos. Antes de que nossas mentes fossem envenenadas por paradigmas positivistas da ciência, foram os contos, épicos, canções do dengbej (lamentos dos contadores curdos), poemas e provérbios, a maior fonte de educação social, que transmitiram e divulgaram o que era belo, bom e justo. No entanto, as percepções de beleza mudaram cada vez mais ao longo do tempo.

### O conceito moderno de beleza

Entre aqueles que formaram nossa noção de beleza está Aristóteles. Ele definiu a beleza com ideais e proporções matemáticas. Ele disse: “As principais formas de beleza são ordenadas, simétricas e precisas, com a demonstração das ciências matemáticas em um grau especial”, e expressou isso na “proporção áurea” da matemática. De acordo com isto, este caráter mensurável foi visto como a fonte de beleza de rostos, corpos e arte; mesmo os corpos de mulheres e homens foram representados em pinturas e esculturas de artistas gregos, romanos e renascentistas com esta fórmula. A Mona Lisa de Leonardo da Vinci foi criada desta forma. Enquanto por um lado a beleza era idealizada e expressa na arte, por outro lado ela estava cada vez mais reduzida a sua aparência física e sendo uma tendên-

cia artística. Especialmente a “beleza interior”, como havia sido avaliada na filosofia oriental, foi colocada de lado. A única beleza que parecia fazer sentido e tinha validade era aquela que apelava aos olhos e que se expressava na forma.

Hoje, rostos e corpos são recortados e reconstruídos por cirurgia plástica, como se fossem feitos de barro, a fim de alcançar padrões matemáticos como na “proporção áurea”. Corpos e organismos vivos são transformados em réplicas de estátuas. As definições de beleza, da beleza da mulher para ser mais preciso, seguem as afirmações de Aristóteles, que definiu as mulheres como “homens mutilados”, que são inferiores aos homens. Apresentando as medidas ideais do corpo da mulher como 90-60-90, declara qualquer outra forma ou tamanho de corpo de mulher como defeituoso. Mesmo quando tais formas e padrões são impossíveis de alcançar para uma grande maioria de mulheres, especialmente de uma forma não saudável, há um interesse em garantir que as mulheres invistam seu tempo e energia para alcançar esses ideais. Como resultado, muitas mulheres têm problemas de saúde, por razões físicas ou psicológicas, incluindo depressão e outras condições mentais. As mulheres que são vistas como incapazes de alcançar tais padrões idealizados de beleza são condenadas a sofrer complexos de inferioridade em consequência disso ao longo de suas existências. As pessoas são criadas para temer os ciclos naturais da vida, para temer o envelhecimento e a maturidade. Em vez de viver a beleza intrínseca de cada idade, nos lamentamos depois de uma visível perda de juventude e beleza.

Cada ruga, cada cabelo branco no espelho, torna-se uma fonte de dor.

Enquanto não embelezarmos a vida, todas as belezas existentes estão em perigo. Florestas antigas, rios caudalosos, praias vibrantes são observados com avidez por empresas, Estados e mercados, movidos pelo interesse e lucro. Todos os dias, edifícios de cimento, barragens e outras infra-estruturas destroem as belezas naturais, muitas vezes de forma irreversível. A natureza está perdendo sua defesa. Belas mulheres jovens são vendidas como objetos por seus pais em casamentos com homens idosos ricos, objetos

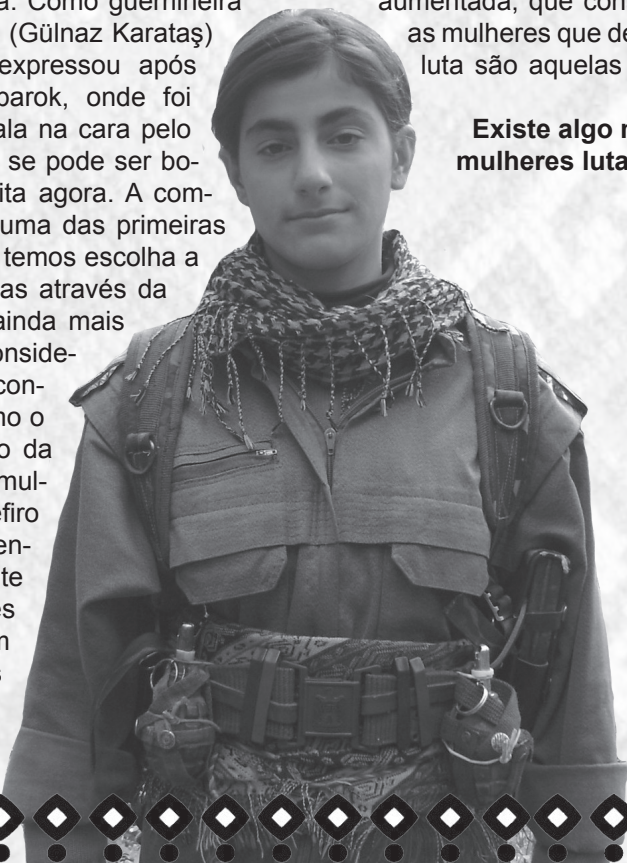


à mercê e a serviço de casamentos abusivos e violentos, mercadorias que geram dinheiro no mercado. As mulheres também foram forçosamente privadas de seus meios de defesa. Todos os dias, as mulheres são mortas por seus parceiros em nome do amor. Há muitos testemunhos de como ISIS ou grupos similares escolheram as “garotas mais bonitas” para vender como escravas sexuais. Em outras palavras, a beleza que permanece desprotegida e não organizada em um mundo tão feio, é vulnerável a assassinatos ou estupros. Por esta razão, devemos viver a beleza coletivamente e devemos criar espaços para que isso aconteça. Somente afirmando nossos valores éticos e estéticos em todas as esferas da vida, incluindo a política, a economia e a cultura, podemos estabelecer padrões significativos de beleza, viver de forma bela e nos tornarmos fontes de beleza.

Neste sentido, podemos embelezar a vida lutando contra a feiura, a injustiça e o mal ao nosso redor. Especialmente como mulheres, devemos estar conscientes de nossa responsabilidade de embelezar a vida, pois sempre fomos as maiores vítimas da feiura. Como guerrilheira e camarada Bêrîtan (Gûlnaz Karataş) maravilhosamente expressou após uma ação em Rubarok, onde foi atingida por uma bala na cara pelo inimigo: “Veja como se pode ser bonita. Estou tão bonita agora. A companheira Bêrîtan é uma das primeiras a entender que não temos escolha a não ser sermos belas através da luta. Isto se torna ainda mais evidente quando consideramos os últimos acontecimentos, tais como o aumento sistemático da violência contra as mulheres. Não me refiro apenas a nos defendermos fisicamente com armas. Mulheres que democratizam a política, mulheres que arriscam suas vidas para proteger a comunidade

e outras mulheres, mulheres que se educam a si mesmas e às pessoas ao seu redor, mulheres que vivem em comunidade, mulheres que salvam o equilíbrio ecológico, mulheres que lutam para criar seus filhos em territórios livres, com suas próprias identidades... e muitas outras; todas elas são mulheres que se fazem belas lutando. No mundo de hoje, cheio de feiura, injustiça e maldade, não é a estética das formas físicas, aumentada, que constituem a beleza; apenas as mulheres que defendem a vida através da luta são aquelas que podem criar beleza.

**Existe algo mais belo do que jovens mulheres lutando contra o fascismo?**





## ZILAN E SEMA

Foi o grito de Zilan em junho, que milhares de jovens, como Şehid Sema, ouviram e seguiram. É o espírito de resistência deles, que ainda hoje podemos testemunhar. Podemos sentir o que “Şehid namirin” realmente significa. Tanto Şehid Zilan quanto Şehid Sema deixaram uma grande marca na história da festa com sua ação. E especialmente no coração do povo curdo. Não é fácil escrever um texto para amigos caídos, mas é nosso dever lembrá-los sempre. Porque esquecer significa traição. É nosso dever levar seus desejos e sonhos ao seu destino. Devemos tomar seu amor e apego à Réber APO e à liberdade como uma linha para uma vida livre. Mas para isso temos que entender sua vida e o significado de sua ação.

### O fogo de Sema Yüce

Sema Yüce também é conhecida por seu nome de luta, Serhildan. Ela nasceu em 1971, em Dutax, Agiri. Ela estudou na capital turca, Ankara; embora ela venha de uma família Welatparez, foi lá que ela entrou em contato real com o movimento curdo pela liberdade. Pouco tempo depois, ele se juntou ao movimento pela liberdade

em Mêrdin. Depois de sua filiação, ela foi com um grupo para Serhed para liderar o trabalho lá. No entanto, o grupo é preso por traição. Heval Serhildan é condenado a 22 anos de prisão. Em protesto contra a repressão do Estado turco, em 1998 ele ateou fogo em seu corpo na prisão de Çanakkale. Ela disse: “Quero fazer da minha cabeça, alma e corpo uma ponte de fogo entre 8 e 21 de março, para ser uma boa aluna do Mazlum Dogan e dos mártires. Quero queimar como Zekiye Alkan, como Rahşan Demirel, para me tornar um fogo Newroz”.

Mas sua ação não foi dirigida apenas contra o Estado turco fascista, mas acima de tudo contra a traição. Ela diz: “Temos apenas um líder; apenas um sol”. Sua ação deve ser a expressão do amor pela liberdade, o que só é possível através de Réber APO. Eu queria dar um exemplo, especialmente para aqueles que tentaram tomar o lugar de Réber APO. Em 17 de junho, ele se juntou às caravanas dos imortais. Antes de se tornar imortal, ela disse: “Eu me tornei Newroz, eu me tornei Mazlum”. Sua ação foi um eco do Zekiye Alkan. Um terremoto para sempre. A resistência de Şehid Sema Yüce foi uma grande derrota para o inimigo. Hoje, cente-

nas de mulheres chamadas Sema estão lutando pela liberdade dos curdos. Milhares de mulheres se tornaram Sema. Nas linhas da história Şehid Sema é verdade, amor e humanidade. E por esta verdade e amor, milhares de jovens mulheres e jovens homens ainda hoje lutam.

### Símbolo de resistência

Quando ouvimos o nome Şehid Zilan, vemos diretamente à mente uma deusa. Uma deusa que, embora estivesse aprendendo, podia realizar a maior ação que fazia tremer até mesmo o inimigo. Em 1996, uma tentativa de assassinato contra a Reber APO ocorreu em Damasco. Şehid Zilan sabia que tinha que dar uma resposta a isto. Com sua ação de entrar em um desfile militar turco em Dersim e deixar seu corpo se tornar uma bomba, ela mesma se tornou a resposta. Embora ela tivesse entrado recentemente nas fileiras do movimento pela liberdade, ela sabia que tinha que dar uma resposta a esta tentativa de assassinato. Ela apontou não apenas a determinação da mulher em lutar por sua liberdade, mas acima de tudo que Reber APO é nossa linha vermelha. E se você dobrar um cabelo, é uma razão para jogarmos tudo fora. Em uma carta para Reber APO, ela escreveu: "Quero ser a expressão da luta do meu povo pela liberdade. Contra a política do imperialismo de escravizar as mulheres, quero colocar a bomba em meu corpo e ao mesmo tempo mostrar toda a minha raiva e ser o símbolo da resistência das mulheres curdas."

Com seu amor por Reber APO, sua coragem e sua força de vontade, ela não deixou o inimigo ir a lugar algum. Seu grito ainda hoje pode ser ouvido. Seu grito não é mais ouvido apenas no Curdistão. Seu grito mostra a milhares de mulheres em todo o mundo o caminho para a liberdade.

Sua ação é única. Ninguém jamais havia feito tal ação antes. Assim, ela se torna o despertar do povo curdo e o comandante do movimento feminino. Neste ponto deve-

mos nos perguntar: quanto tempo queremos esperar, mesmo que ainda possamos ouvir sua voz trêmula que faz tremer o inimigo?

Şehid Zilan é um daqueles indivíduos heróicos que se reinventam em tempos históricos e críticos.

### Sobre a voz estremeceadora de Şehid Sema e Şehid Zilan

Não foi a bomba de Şehid Zilan ou o incêndio de Şehid Sema que se tornou o maior pesadelo do inimigo, mas o destemor e a determinação em seus olhos. Se começássemos a reconhecer nossa esperança como uma arma, poderíamos nos purificar de doenças, medo e dúvida. Entretanto, isto requer grande autoconfiança e coragem, que podemos desenvolver junto com o espírito de Şehid Sema e Şehid Zilan. Portanto, os jovens do mundo não devem passar um segundo sem lutar, porque a cada segundo que duvidamos de nós mesmos ou nos sentimos inseguros, o inimigo o enche de sua mentalidade liberal e se agarra à nossa perna e não nos solta. Toda dúvida sobre nós mesmos nos impede de seguir o caminho de Şehid Zilan e Şehid Sema. Um toque de coragem para questionar algo, para mostrar solidariedade com os amigos nas montanhas, uma pitada de ódio contra a mentalidade patriarcal e de esperança é suficiente para derrubar os muros do inimigo. E quando o grito de alegria vier de nossos lábios, sentiremos a voz trêmula de Şehid Sema e Şehid Zilan dentro de nós. E esta voz é um apelo de resistência.



# A VITÓRIA É NOSSA!



JIN JIYAN AZADÎ





## Mulheres na Revolução - URSS

Quando observamos a história pelas lentes da Jineolojî, desde seus grandes acontecimentos até seus pequenos momentos caóticos, nos atemos ao lugar que ocuparam as mulheres, tanto os ataques que receberam quanto as resistências e lutas que levaram à diante. As mulheres vivem diariamente expostas aos ataques sistemáticos organizados por parte da Modernidade Capitalista: violência, assassinato, violação, humilhação... Aprender a partir dos erros e dos triunfos que nos mostra a história é um passo necessário para poder entender o presente e buscar soluções e alternativas para o futuro que se aproxima.

Nesse sentido, quando estudamos um dos grandes acontecimentos do século XX – e da história da humanidade – como é a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), devemos nos perguntar: Quais funções tiveram as mulheres? Que status tinham as mulheres na sociedade? Quais mentalidades e ideologias havia sobre as mulheres? E, conectada a essas perguntas, por que a URSS não triun-

fou? Quando observamos com olhos críticos as revoluções que aconteceram na história não o fazemos com o objetivo de rechaçar sua contribuição à causa da liberdade, mas sim desde o anseio por aprender e entender os erros que se cometeram, fortalecendo, desta maneira, nossa disposição para a luta e a transformação social.

A União Soviética foi apresentada à esquerda como exemplo de liberdades e direitos às mulheres: direito a voto, legalização do aborto e do divórcio, direitos trabalhistas... Ainda que não tenha sido sempre assim e que se tenha vivido altos e baixos ao longo da história soviética, de acordo com o chefe do momento. Estes ganhos materiais são importantes especialmente desde os olhos que seguem tomando o Estado como base. Mas como eram as relações entre homens e mulheres na União Soviética? E as relações entre mulheres? Qual papel tinha a família? Podemos dizer que as mulheres eram livres? E a sociedade? Um dos principais erros que apontamos na União Soviética, assim como no socialismo real e científico no geral, é o fato

de não entender as mulheres como principal sujeito oprimido, nas palavras de Rêber Abdullah Öcalan “a primeira nação e primeira classe oprimida” na história da humanidade e, por sua vez, o principal motor revolucionário e transformador. Dessa forma, a luta pela libertação da mulher foi entendida como uma luta a mais, não ocupando um lugar prioritário como caminho estratégico que conduzirá à libertação total da vida. Este foi um erro que se repetiu ao longo das grandes revoluções. Nesse sentido, os aprendizados, análises e propostas ideológicas e organizativas do Movimento de Mulheres do Curdistão se constituem como um exemplo e uma referência para os povos, mulheres e revolucionárias do mundo.

Seguindo com o exemplo da URSS, durante a II Guerra Mundial milhares de mulheres soviéticas participaram de diferentes maneiras da luta contra o fascismo e em defesa de um mundo diferente: soldadas, comandantas, enfermeiras, aviadoras, engenheiras, na retaguarda... As histórias de heroicas mulheres soviéticas atravessam os tempos até os dias de hoje. Mas o que ocorreu com essas mulheres depois da guerra? O que se passou com essas mulheres que gravaram seus nomes com letras de ouro na história da Modernidade Democrática, que demonstraram uma grande coragem e lutaram como mulheres diante da faceta mais atroz, com rosto de homem dominante, do grande inimigo da vida?

O sexismo, que se mentinha fortemente vivo na sociedade soviética, golpeou de novo a muitas destas mulheres que, depois de terem sido companheiras de armas dos homens na frente de batalha e de terem lutado em nome do socialismo, “pela pátria” e “por Stálin” – nas palavras delas – agora eram vistas pela socie-

dade com olhos acusatórios que colocavam em dúvida as motivações destas mulheres para participar da guerra. Como pudemos observar em outras revoluções, como na Revolução Espanhola de 1936, para dar um exemplo, muitas das mulheres que lutaram no front posteriormente foram acusadas – por outras mulheres – de terem participado unicamente pela vontade de manter relações sexuais com os homens. Por outro lado, muitos dos homens que tinham se “apaixonado” por alguma de suas companheiras no front, ao acabar a guerra deixaram de lado suas promessas de amor para formar famílias com mulheres que não haviam lutado, aprofundando dessa forma a categorização de mulheres entre as aptas para formar família e aquelas que, pelo que viveram, tinham derrubado barreiras e se tornado indomáveis, motivo pelo qual deveriam ser castigadas socialmente.

A história nos ensina que a libertação das mulheres não pode ficar em um segundo plano, pois a liberdade de um povo está diretamente conectada à liberdade das mulheres do povo. Por maior que seja uma revolução, se em sua base não trabalha por uma mudança de mentalidade que supere os limites de pensamentos e práticas estatais, positivistas, capitalistas, sexistas e coloniais, a revolução estará condenada, breve ou tarde, a fracassar. Por sua vez, uma mudança profunda de mentalidade se verá refletida nas relações entre a mulher e a sociedade, familiares, entre mulheres e homens e entre as próprias mulheres.



## El mapa de la vida:

Unas manos de venas marcadas,  
de nudillos rugosos,  
de líneas de la vida  
que se entrecruzan aquí y allá.

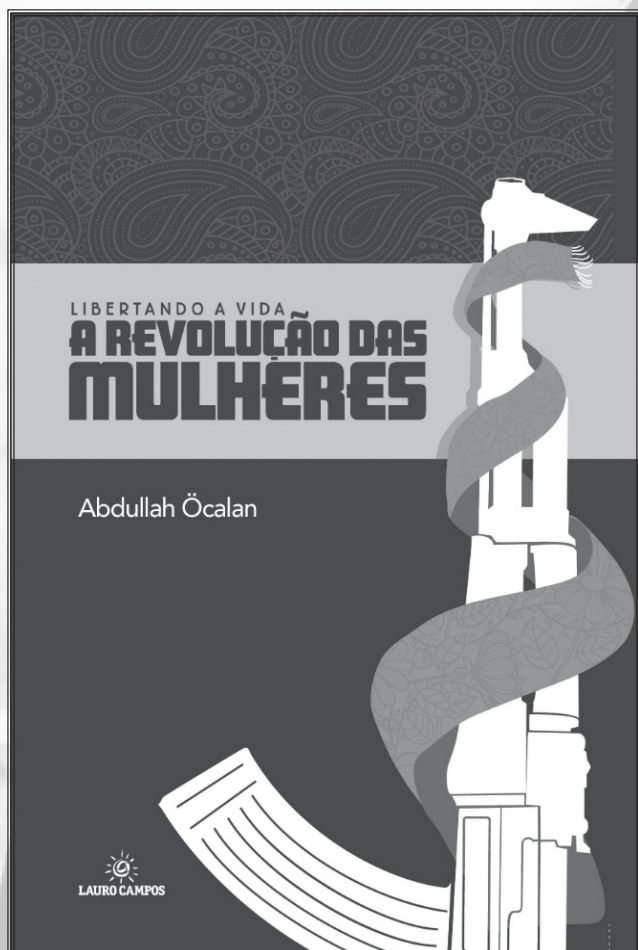
Antes eran unas manos lisas,  
manos suaves que acariciaban  
texturas suaves;  
la piel dulce del bebé,  
la piel llena de promesas de la hija adolescente.

Manos agrietadas,  
llenas de sabiduría, de amor,  
manos deseosas de acariciar la vida,  
de acunar la vida,  
de cocinar en los fogones  
el alimento de la vida.

Manos que empuñan armas,  
que remueven la tierra buscando refugio,  
que protegen la vida y enfrentan la muerte,  
manos que se enlazan y se abrazan a otras manos,  
que sobreviven sobre las ruinas  
y construyen sobre las ruinas.

Manos con espinas duras que huelen a rosa.

## RECOMENDAÇÃO DE LIVRO



---

*Libertando a vida:  
a revolução das mulheres*

---

**Autor:** Abdullah Öcalan

**Publicado por:** Fundação Lauro Campos e Marielle Franco;

**Publicação:** 2016

A eliminação das mulheres do campo da ciência nos força a buscar uma alternativa radical. Portanto, a chave para a solução de nossos problemas sociais será um movimento de libertação das mulheres, igualdade e democracia; um movimento baseado na ciência das mulheres, chamado jineolojî em curdo.

“Libertando a vida: a revolução das mulheres é leitura imprescindível para compreender as batalhas protagonizadas pelos curdos em Rojava, hoje possivelmente um dos mais avançados frentes da luta anticapitalista no mundo. Um movimento a ser assimilado por toda a esquerda.” --Carolina Peters



# LÊGERÎN

---

A revista Lêgerîn será publicada a cada 3 meses em nosso website [www.revistalegerin.com](http://www.revistalegerin.com), disponibilizando-a para download e impressão. Além da revista, outros conteúdos autorais e do movimento revolucionário serão publicados em nosso website!

---



*@Revista\_legerin*



*@revistalegerin*



*legerinkovar@protonmail.com*



*legerinLatin@riseup.net*

Nos siga em nossas redes sociais, acompanhe nossas atualizações! Temos também um canal e grupo no telegram para a divulgação e discussões sobre os textos e seus temas.

Sintam-se livres para entrar em contato conosco via nossos emails, ficaremos contentes em responder a dúvidas e questões que possam ter. Desde discordâncias em textos e um pedido por materiais, até dúvidas a respeito do movimento em si.

***Serkeftin!***

